

BAM  
323.098121  
A512m

DOMINGOS AMÉRICO

A redacção da Tribuna, empresa da Aliança Liberal, e  
que sempre obsequiu muitas ideias  
com lembranças.

permissoes de

# NOVOS HORIZONTES

(CAMPANHAS DEMOCRATICA E LIBERAL)

ORMA  
324.981.11  
A512m

1930

Tipogravura Teixeira  
Maranhão



## Palavras de prefacio

Um povo que assiste, em criminosa indiferença a postergação de seus mais sagrados direitos e liberdade, renuncia á sua propria dignidade.

Seria esse o caso da Nação Brasileira, si ella não estivesse a postos, como ora se encontra, na defeza dos principios compendiados na sua Magna Carta. E não de hoje, apenas, essa sua attitude. A consciencia nacional, de ha muito, protesta e se insurge contra os attentados ao regimen.

Para não recuar a phases mais distantes, lembrarei, apenas, pela sua correlação e importancia, trez grandes e recentes movimentos nacionaes, que falam sobremodo alto na sua eloquente significação.

São elles, logo se antevê, o movimento revolucionario, que o patriotismo de Luiz Carlos Prestes animou e dirigiu; a formação do Partido Democratico, constituído sob a égide dos nomes acatados de Antonio Prado e Assis Brasil; por fim, a Alliança Liberal, que, liderada por um nobre rebento dos Andradas, ora sacode patrioticamente os nervos da Nação, desperta para a sua gloriosa finalidade, na consciencia plena da sua elevada missão historica.

Que significam esses movimentos successivos e coordenados sinão a mais eloquente e a mais legitima defeza dos direitos constitucionaes e das liberdades do cidadão, a cada passo impunemente violadas por detentores illegitimos do poder e illegitimos representantes do povo?

Analizemos, embora rapidamente, esses movimentos. O sentimento geral de revolta contra os desmandos e desatinos das mãos dos governos, contra as praticas abusivas das administrações, contra, emfim, o mais ostentoso falseamento do regimen, explodiu um dia e se fez revolução. E a revolução cauzou pre-

juizos e fez vitimas, é bem verdade. Mas o que o povo guarda no escriptorio do seu coração é o nome dos seus generaes, hoje presos ou expatriados e para quem a Nação reclama a amnistia integral.

Seguiu-se a phase civil da organização partidaria. Do sul ao extremo norte a palavra evangelizadora de Assis Brasil indicou á Nação o seu verdadeiro caminho. Aos dirigentes concitou a abandonarem a errada trilha; aos seus concidadãos estimulou na obra salvadora das instituições, na obra regeneradora da nacionalidade.

De mais recente, o que vemos? Assistimos a Nação, pairando acima de quaesquer aggremações partidarias, congregarse num só todo, para formar essa frente unica e victoriosa, que é a Alliança Liberal.

E' precisamente uma alliança, pois que aproxima e reúne no presente momento historico brasileiro, todos os que se dispõem a reintegrar a patria nos principios constitucionaes e restituir aos cidadãos os seus direitos violados. E é, genuinamente, uma alliança liberal, visto que ella collima tornar uma realidade o liberalismo existente na nossa Constituição.

A grandeza da Patria está a depender da pratica sincera dos principios de liberalismo e democracia, representação e justiça, por que a Nação clama e anseia.

Por essa pratica, sincera e sã do regimen, foi que já se pronunciou a Nação, lustros passados, atravez das memoraveis campanhas civicas que a autoridade incontrastavel de Ruy Barbosa dirigiu e que o prestigio inconfundivel de Nilo Peçanha chefiou.

Hoje, é a Alliança Liberal que, resoluta e decididamente, vem reintegrar a Republica nos moldes que a Constituição lhe traçou.

O mandato presidencial não pôde continuar a ser uma dativa de antecessor a successor, nem o mandato legislativo pôde continuar a ser o resultado de combinações e conchavos, servidos pela ficção do suffragio.

O Brazil, fadado a grandes destinos, ha de conquistar, em breve, sob o impulso do presente movimento libertario, a sua libertação desse regimen de ficção e prepotencia.

\*  
\* \*

Na diffusão dos sãos principios democraticos e na propaganda das candidaturas de Getulio Vargas, a cujo espirito li-

beral se allia a serenidade das attitudes, e de João Pessoa, administrador modelar e patriota impavido, respectivamente á presidencia e vice-presidencia da Republica, percorreram as caravanas liberaes a vasta extensão territorial da patria.

Atravessaram o septentrião brasileiro as caravanas chefiadas por Neves da Fontoura, Baptista Luzardo e Augusto de Lima.

A eloquencia tribunicia de Luzardo, a palavra autorizada de Augusto de Lima e Raul Bittencourt, a oratoria fluente do Conego Marcos Penna, de Paulo Duarte e Shneider, o verbo inflammado de Bruno Lobo, Aggripino Nazareth, Conego Mathias e José de Abreu, echaram vibrantes por estes afastados rincões do norte.

Por intermedio desses destemerosos bandeirantes da democracia, fez-se ouvir, nessa cruzada civica, a voz genuina da Aliança Liberal, que era bem a voz da propria Nação, dirigindo-se a si mesma, num surprehendente phenomeno de auto-evangelização.

\* \* \*

Em S. Luiz do Maranhão, a gloriosa Athenas Brasileira, as caravanas Liberaes, qual occorrêra com a caravana democratica chefiada por esse puritano que é Assis Brazil, tiveram notavel acolhida e despertaram enthusiasmo inexcédível.

Eloquentemente nos dirão dessa acolhida e desse enthusiasmo os três livros do illustre Desembargador Domingos Americo de Carvalho, membro dos mais eminentes do Partido Democratico do Maranhão e vulto de destaque nessa campanha regeneradora da nacionalidade.

*Novos Horizontes*, um delles, contem o primeiro artigo de propaganda democratica, publicado sob o mesmo titulo, na «Folha do Povo», e *Erros e Illuções*, o primeiro que, pela «Tribuna», escreveu em defeza das candidaturas da Aliança Liberal.

Alem desses, outros e não menos importantes, estampados nos mesmos jornaes e no vibrante vespertino «A Patria», diario de sua propriedade e direção, o qual, durante a campanha liberal, empolgou, com a vibração do seu civismo, toda a população da legendaria Athenas, estendendo-se a sua influencia por todo o norte e nordeste, com as transcripções na imprensa liberal, dos vibrantes editoriaes do organ democratico maranhense, assinados por Domingos Americo.

L. MORAES CORREIA

Fortaleza, 6 de Maio de 1930.

## *Novos horizontes*

Não são necessarias altas qualidades de estadista, nem uma profunda visão de sociologo, para que se aperceba, claramente, a sensível mudança que, nestes ultimos tempos, se operou na politica nacional.

Só a cegueira, oriunda de um pessimismo doentio ou produzida pelas paixões egoisticas dos que hipocritamente se dizem republicanos e vivem a explorar a Republica,—impedirá qualquer observador de contemplar os novos horizontes desvendados á Democracia brasileira...

E' só pensar na politica de ha poucos annos atraz, sem a menor ligação entre os grupos de uns e outros Estados, e examinar o aspecto que ora apresentam as verdadeiras oposições das varias unidades da Federação, e logo se patenteará uma grande diferença.

Não é que se tenham modificado os nefastos processos adotados pelos que se apoderaram das posições officiaes e fizeram do regimen uma mentira e da Republica o mais pernicioso dos despotismos, que é a ditadura velada com uís farrapos de legalidade.

Nem tão pouco cessou a fraude do mecanismo eleitoral, assim como não terminaram as delapidações dos dinheiros publicos; não deram autonomia ao Poder Judiciario, nem foi restaurado o Poder Legislativo, que permanece méro instrumento do Executivo; não se extinguiu a perfidia entre os elementos governistas, nem foi pelos chefes de Estado reconhecido o dever de respeitar os direitos de seus adversarios.

Mas, apesar de tudo isto, são evidentes os sintomas de reacção pelo organismo nacional a todas essas miserias que arruinaram as finanças do paiz, levando-o á bancarrota, e fizeram da politica uma profissão rendosa, e do servilismo e da

traição, condições primarciaes para a ascensão aos altos postos da esfêra administrativa.

Proclamada a Republica e expulso do Brasil o velho e virtuoso Imperador, sob cujo dominio se formára uma pleiade de estadistas que, vantajosamente, podiam suportar o paralelo com os homens publicos de qualquer nação civilisada,—foi promulgada uma Constituição, a que presidiram os mais belos principios liberaes, em que foram estatuidas as mais amplas garantias aos direitos individuaes.

Infelizmente, a sua má applicação desvirtuou os nobres ideaes dos constituintes; a annullação do voto acabou com os partidos politicos, afastou o povo dos negocios publicos e, pior do que tudo isso, gerou, na alma dos brasileiros, a maior das desgraças que podem atingir uma nacionalidade:—a descrença, o pessimismo, a falta de confiança nos seus dirigentes e de fé no seu futuro—a convicção, enfim, da impossibilidade de arrancar o paiz do poder dos politicos profissionaes, da tutela das oligarquias nefastas!

Pois bem, essa convicção está dissipada, por isso que a descrença foi substituida por uma fé viva na derrocada dos processos que tanto nos têm infelicitado.

Fantasio ? Exagero ?

Oh ! Não ! . . .

Quem suporia, ha quatro annos atraz, que seria possivel, no Brasil, se organizar um partido de opposição á ditadura central e ás vinte oligarquias estaduaes ?

—Absolutamente ninguem.

Entretanto, atualmente, está formado o Partido Democratico Nacional, combatendo todos os desmandos, com um programma francamente regenerador, em luta com todos os situacionismos, no proposito firme de só assumir o poder para reformar isso que ahí está.

Os descrentes acham impossivel que, em tão pouco tempo, se forme uma corrente politica com tão belo programa, e impossivel, tambem, na situação a que chegou o Brasil, serem vitoriosas tão alevantadas idéas.

E' que eles desconhecem, nos fenomenos sociaes, o valor das forças psicologicas; é que eles ainda supõem que os homens só agem de acordo com seu raciocinio.

Certamente, se o Partido Democratico fosse uma organização politica como as outras que se têm fundado na Republica, composta somente de homens publicos que se agremiam afim de pôr em execução os seus planos de assalto ao poder

—ou não seria possível sua formação em tão pouco tempo, ou não seria provavel a sua vitoria.

Mas, quando ele foi fundado, de ha muito que a nação tinha manifestado a sua repulsa aos erros que nós combatemos.

O Partido Democratico não é mais do que a vanguarda mesma da nação em marcha...

Iludem-se os que consideram a revolução do general Izidoro uma simples revolta de quartéis.

Ela foi uma reacção armada contra os absurdos dos governantes, reacção apoiada pelo povo oprimido.

Essa reacção já se vinha acentuando desde o governo Epitacio, quando a oligarquia paulista, conluída com a mineira, impoz ao paiz a candidatura Bernardes, com o fim deste, depois, impôr a do sr. Washington Luiz.

O povo, apesar de muito ter hostilizado o marechal Hermes, quando foi ele candidato á presidencia da Republica, ostensivamente o aplaudiu, quando o velho militar se dispoz a chefiar a revolução em que foi traído.

E, desde então, a nação sempre se tem manifestado contraria á usurpação de seus direitos.

As oligarquias de Miuas e de São Paulo não são o povo brasileiro e, no entanto, são elas que, até agora, dispõem de tudo no paiz, desde a presidencia da Republica até os cargos de deputado e senador dos pequenos Estados.

E esse protesto dia a dia se acentúa, dia a dia aumenta, até atingir a formação do Partido Democratico Nacional, inteiramente identificado com a aspiração geral dos brasileiros.

E' uma evolução lenta, mas segura, com modalidades aparentemente diversas, contraditorias, mas nas quaes o observador dos fenomenos sociaes vê a teia que liga os factos exteriormente independentes.

A' candidatura Arthur Bernardes, imposta pelas oligarquias paulista e mineira, a nação opõe-se elegendo Nilo Peçanha. Reconhecido, porém, aquele, revoltam-se a Escola Militar e o forte de Copacabana, com o marechal Hermes traído por outros companheiros. Estabelecido o sitio permanente, subleva-se a guarnição de São Paulo, que, depois, abandona esta cidade para evitar o bombardeio da mesma pelas forças bernardistas. Carlos Prestes pede demissão do exercito e avança para o Paraná afim de reunir-se aos seus camaradas ali entrincheirados. Internado Izidoro na Argentina, Prestes inicia o «raid» magnifico que enche de orgulho os brasileiros e de admiração os estrangeiros.

Vencida a revolução, o povo carioca derrota nas eleições

todos os candidatos governistas, e o Rio Grande elege Assis Brasil, no exílio, o qual é recebido, pouco depois, no Rio de Janeiro, como um triunfador.

Impedida a amnistia aos revolucionarios pelo sr. Washington Luiz, o povo envia elementos materiaes para a manutenção, no exílio, dos formidaveis centauros de Luiz Carlos Prestes.

E é, depois desses factos, que surge o Partido Democrático Nacional, com um programma inteiramente baseado nas aspirações nacionaes, que tambem são as aspirações dos revolucionarios.

Nós queremos um poder judiciario independente e fóra das competições politicas, queremos o direito processual uno, afim de que os brasileiros tenham as mesmas leis em qualquer recanto da Patria, e queremos o escrutinio secreto e proporcional, para que todas as opiniões sejam representadas e o povo eleja os seus mandatarios.

Havemos de convencer os nossos adversarios de que essas medidas beneficiarão a eles assim como ao paiz, e que a nação as exige. E eles as concederão porque se não as concederem, nós, com a nação, as decretaremos.

Impossível ?

— Não !

Isto é tão certo como o sol ha de erguer-se amanhã no oriente.

«Folha do Povo»—1928.



## Erros e ilusões ...

Iludem-se aquelles que vêem na grande agitação civica que empolga a Nação do Rio-Grande ao Amazonas, um simples movimento partidario para a conquista da cadeira de primeiro magistrado da Republica.

Erram grosseiramente aquelles que, já no inicio da lucta, começam a injuriar os adversarios, emprestando-lhes qualidades, assacando-lhes erros que na maioria dos casos, cabem justamente aos seus correligionarios !

Não podemos bem ajuizar da extensão e profundeza do movimento e do seu possivel desfecho sem um estudo, embora perfunctorio, dos grandes problemas nacionaes, das aspirações dos diversos ancenubios da politica brasileira, sem uma análise mesmo rapida das anteriores eleições presidenciaes no Brasil e mesmo dos principios politicos dominantes na Europa e na America, após a Grande Guerra, os quaes incontestavelmente têm atuado no espirito dos nossos homens publicos, sinão tambem no da nossa classe media.

Temos necessidade de mostrar as profundas diferenças existentes entre os metodos da atual campanha e os da campanha civilista e nilista, demonstrando a transformação da mentalidade nacional, para melhor, ao mesmo tempo que um mais justo equilibrio entre as tendencias dos varios grupos e os programmas com que se apresentam na luta.

Dois fatos, porém, ferem logo a atenção do observador justo e calmo, os quaes são a prova da melhoria dos novos *processos* politicos.

Um é a superior intelligencia e grande habilidade dos dois illustres brasileiros Srs. Washington Luis e Antonio Carlos, em cujas mãos a fatalidade dos acontecimentos colocou o bastão de chefes das duas correntes contrarias.

Elles não terão a autoridade olímpica de um Prudente de Moraes, nem o talento verbal e a paixão liberal de Rui, o unico, nem a fria rigidez de principios do grande Murtiuho, e não terão a ductibilidade de certos politicos brasileiros, mas, mesmo deixando de parte os trabalhos e os serviços de ambos em um longo passado politico, basta prestar atenção ás cartas trocadas entre o Presidente da Republica e o de Minas, a proposito da eleição presidencial, e as habeis manobras politicas de ambos, de dois annos a esta parte, para adquirirmos a certeza de que se defrontam dois homens de intelligencia superior e fortes qualidades de commando.

Aos candidatos á successão presidencial, quer de um quer de outro lado, só uma estreita paixão partidaria poderia negar capacidade, requisitos necessarios ao desempenho das altas funções, a que se propõem, justificação ás suas nobres ambições.

Quanto ao Sr. Julio Prestes, não se concebe que tenha exercido as delicadas funções de *leader* do governo e o importante cargo de Presidente de S. Paulo, um homem inferior; e a politica official bahiana, tão cheia de intrigas, não iria se acordar justamente em torno de um homem vulgar, si o fosse o Sr. Victal Soares.

Quanto aos Srs. Getulio Vargas e João Pessôa elles poderão dizer á Nação:

«Eis aqui a minha administração e a minha politica em meu Estado, os meus adversarios d'agora e que o serão amanhã, si for eleito, apoiam minha candidatura, independente de questões de bairrismo».

E não necessitam dizer mais nada...

Mas a questão não é de homens e sim de principios, não é de grupos e sim de ideaes; é o novo Brasil republicano contra o Brasil da fraude republicana, é a luta da Democracia contra a Oligarquia !

Ha manobras que valem por muitas batalhas ganhas...

A eleição presidencial é uma simples batalha da longa campanha democratica, batalha que ninguem pode ainda afirmar que será a decisiva...

A lucta já começou, ha cerca de dois annos, e ninguem poderá negar a maestria das manobras do Sr. Antonio Carlos...

Todo mundo sabe que o Brasil não tinha partidos politicos e no emtanto dentro de pouco tempo, mesmo sem a liberdade eleitoral, estão patentes as varias correntes da opinião nacional, todas agindo, todas demonstrando por organizações mais ou menos regulares que o servilismo e pessimismo que dominavam o

pais estão diminuidos, que o Brasil não é uma nação de eunucos e escravos.

Vemos á extrema esquerda os communistas, já com dois representantes no conselho municipal do Rio, e tendo como chefes varios intellectuaes, entre os quaes o Professor Leite Oiticica.

A' esquerda, os revolucionarios sob a chefia de Carlos Prestes, tendo como principal sustentaculo a mocidade do exercito e da marinha.

Ao centro esquerdo, o Partido Democratico sob a chefia de Assis Brasil, com grandes elementos em Rio Grande, S. Paulo e Rio de Janeiro e organizações mais ou menos regulares em Maranhão, Piahy, Ceará, R. G. do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Paraná, S. Catharina e Goyaz; ao centro-direito o officialismo de Minas, Rio Grande e Parahyba, com os nilistas de Bahia e Estado do Rio e as dissidencias dos outros Estados; a direita chefiada pelo Presidente da Republica com as situações dominantes nos desesete outros Estados.

Entre todas as correntes ha diferenças de methodos, entre algumas, ha diferença de metodos e de idéas, entre outras, convergencias de ideas e diferença de methodos, mas ha um ponto em que, por mais que se queira negar, é evidente o acordo geral: «isto que ahi está não pode e não deve continuar».

E' que ninguem pode resistir ao contagio mental de uma ideia sã, e o ideal democratico que empolgou a nação brasileira, para ter todos os requisitos de uma crença vitoriosa, não lhe faltou mesmo um longinquo perfume de misticismo.

«Tribuna»—20 de agosto de 1929.

## Os Presidentes Paulistas

### I

Para bem avaliarmos o quanto o eminente sr. Washington Luis se tem afastado, divorciado da patriótica tradição política do grande Estado de S. Paulo, seria necessario estudarmos a ação dos paulistas, desde o periodo colonial, com Amador Bueno, acompanhá-los com os Andradas até ás margens do Ipiranga, seguil-os nas lutas do 1º Imperio, na Constituinte, depois na Regencia, até a Maioridade, lutas estas ultimas em que ainda brilham os velhos Andradas.

No 2º Imperio, veriamos as campanhas liberaes em que se destaca o 2º José Bonifácio, o Mestre de Ruy, contemplariamos a Convenção Republicana de Itú, onde brilham as figuras de Prudente, Campos Salles, Americo Brasiliense, Tibiriçá, Glycerio e outros, assim como a campanha abolicionista, com o golpe decisivo dado por Antonio Prado na instituição maldita.

Isto, porém, não cabe nos estreitos limites de um escrito para imprensa diaria.

Basta dizer que o caracteristico da alma paulista foi sempre a lealdade á grande Patria e o amor á Liberdade.

Poderemos, porém, em largas pinceladas, esboçar as figuras de Prudente, Campos Salles e Rodrigues Alves, os tres grandes presidentes a quem o Brasil tanto deve e que podem honrar as galerias de chefes de Estado de qualquer país.

Eu não quero, porém, estudar-lhes a obra gloriosa, quero apenas destacar em cada um delles factos particulares, desconhecidos, pelos quaes o leitor poderá medir-lhes a alma.

E' sabido que Prudente foi o homem a quem coube a gloria de estabelecer a republica civil no Brasil, arriscando até a pro-

pria vida; Campos Salles restaurou as nossas finanças avariadas, arrostando com todas as odiosidades, e Rodrigues Alves, impassivo e sereno, combateu a rotina, realizou grandes melhoramentos, transformou a metropole, a velha cidade colonial, em uma das mais bellas cidades do mundo, extinguiu a febre amarela, chamou Rio Branco para a pasta do Exterior e iniciou, enfim, grandes serviços que seria fastidioso enumerar.

Não são, porém, esses grandes serviços dos illustres brasileiros que eu quero frizar, afim de caracterisal-os.

Muitas vezes os pequenos gestos, os modestos atos que foram praticados por um homem, sem visar a publicidade, o definem melhor do que os grandes serviços por elle prestados.

Quantas faltas nós não commetemos para evitar faltas ainda maiores ! Quantos, quantos trabalhos de utilidade não são praticados, vizando uma ambição do autor ou de terceiros.

A confiança que sempre mereci aos pro-homens com os quaes estive em contacto, a minha posição de magistrado federal durante 18 annos, alheiado dos partidos, mas sempre em contacto com homens publicos os mais eminentes de minha Patria, tornaram-me sabedor de pequenos gestos de nossos homens de governo, os quaes reunidos aos atos sabidos, fornecem me materiaes para julgal-os.

Quanto a Prudente, citarei somente dois casos. Uma vez, o Ministro da Justiça levou-lhe um decreto creando mais uma brigada da Guarda Nacional em S. Luiz do Maranhão, para nomear coronel o sr. Domingos Barbosa, partidario de B. Leite, amigo de Prudente.

—Quantas brigadas tem S. Luis ?, indaga o grande estadista.

—Oito—responde o Ministro.

—Mas, si a capital do Maranhão, não tem população para oito brigadas, como vamos crear mais uma ?

E mandou rasgar o decreto.

No dia seguinte, casualmente, Benedicto Leite aparece no Catête, para tratar negocio diferente. Leite ignorava o incidente.

O grande estadista interpelou-o e aconselhou-o. O dever dos republicanos era aconselhar, moralizar as instituições ou então extinguir as desmoralizadas.

Como é que o senador Leite, queria ainda mais acanalhar a Guarda Nacional, já tão desmoralizada.

Desde que a população de S. Luis não tinha gente nem para oito brigadas, crear mais uma era desmoralizar a instituição ainda mais.

Eu tinha, então, 21 annos, quando Leite, conversando

commigo na intimidade de seu gabinete, envolto em um amplo quimão, á antiga moda maranhense, me narrou o fato, por saber que eu, como elle, era admirador do glorioso paulista.

Depois, levantando-se da poltrona, aproximou-se de mim, poz-me no hombro a dextra e erguendo em seguida o braço, num gesto longo, exclamou:—Rapaz, depois do carão, ainda fiquei maior admirador e querendo mais bem ao velho !

E nos labios de Benedicto Leite se esboçou um amplo sorriso e suas faces se iluminaram numa expressão de bondade, característicos do homem honesto e justo, o unico que sabe admirar a superioridade de outrem, mesmo diante de gesto que o contrarie.

Outra de Prudente.

Havia uma vaga de Juiz de Direito, no Rio de Janeiro. Eram doze os pretores e o Ministro, por occasião do despacho, levou pedidos, empenhos e recommendações de políticos e pessoas influentes para onze pretores, afim do Presidente escolher o preferido.

Depois de examinar os papeis, Prudente indaga do Ministro o numero de pretores.

—Doze, responde o Ministro.

—Pois, v. exc. tome informações sobre esse unico Pretor que não tem pedido, nem proteção, que pode ser o mais digno.

Por seu lado, o Presidente informou-se e verificou, o que em outra conferencia o Ministro confirmou, que se tratava de um juiz muito honesto e muito digno, antigo Juiz de Direito do Imperio, em Matto-Grossò, porém modesto e reservado.

—Mande promover este em lugar de qualquer dos protegidos...

Quando o Juiz, depois de nomeado, foi agradecer-lhe, Prudente respondeu-lhe:

—Não tem que me agradecer, cumpri o meu dever. O Presidente da Republica não podia ficar abaixo do Pretor que, confiante no seu direito esperou a justiça do chefe da Nação !

Este juiz é o desembargador Gama e Souza, pae do meu tão talentoso quanto infeliz amigo e colega, dr. Gama e Souza, recém-falecido em um desastre no Rio de Janeiro.

O leitor dirá si esse presidente seria capaz de publicar uma carta intima de um amigo ou demitir pobres funcionarios, por não serem seus correligionarios !

«Tribuna»—2 de outubro de 1929.

## Os Presidentes Paulistas

11

Quando Campos Salles assumiu a Presidência, a situação financeira do Brasil era desoladora. Os proprios amigos do governo achavam impossivel a execução do programma financeiro, da qual dependia a salvação do país.

Urbano Santos, que então se dedicava a estudos economicos e financeiros, tendo até recebido elogios de Manuel Victorino, por um seu discurso notavel, pronunciado na Camara, Urbano contou-me, muitos annos depois, que indo visitar Campos Salles, na Pensão Verdi, quando chegou este da Europa, poucos dias antes de assumir a Presidencia, ao declarar-lhe o grande estadista, com a maior sereuidade, que cumpriria o seu programma e salvaria o Brasil de tão precaria situação, elle não ficára fazendo bom juizo do criterio e dos talentos de Campos Salles.

Como Urbano, pensavam muitos outros estadistas, financistas e politicos amigos do governo, tão angustiosa era a situação.

Foi necessaria a ação de duas vontades ferreas, servidas por duas inteligencias robustas, Campos Salles e Joaquim Murinho, para ser realizado o milagre.

Quando Campos Salles deixou o governo, o cambio que encontrara a 5 3/4, subira a 12. Os titulos brasileiros tinham duplicado de valor, o papel moeda em circulação havia diminuido de cem mil contos, nossa caixa em Londres tinha 10 milhões esterlinos, o fundo de garantia do papel moeda cinco milhões e os orçamentos se fechavam com saldos !

Eu não conheço uma restauração financeira tão rapida.

O genio de Murtinho encontrara o talento e o patriotismo de Campos Salles para, reunidos, salvarem a honra nacional.

Para tal conseguir, Campos Salles foi generoso e cavalheiroso, com os adversarios, mas energico com os dominados pelos sentimentos egoisticos.

Um dia, compareceu no Catete a reclamar contra certa tabella de impostos, necessarios para a salvação do pais, uma comissão de altos commerciantes e industriaes, um dos quaes deixou perceber veladamente que, caso o governo insistisse, não pagariam os mesmos impostos.

Campos Salles calmamente expoz-lhes a situação e a necessidade daquelles impostos para a restauração do nosso credito e terminou declarando-lhes:

«Eu não posso obrigar ninguem a ter patriotismo, mas posso obrigar-os aos pagamentos dos impostos devidos e necessarios.»

Por occasião da conspiração contra seu governo, chefiada por Custodio de Mello e Andrade Figueira, não se desmentiu sua serenidade.

Preso o almirante, foi transferido para um Estado do extremo-norte e como uma junta medica o declarasse atacado de impaludismo, Campos Salles o mandou para o Ceará. Resistindo Custodio, foi procurada uma solução mais humana, que não ferisse tão rudemente o vencido, um velho e glorioso servidor da Patria !

Mas este homem tão energico com os poderosos, era a personificação da generosidade e da bondade, com os inimigos e adversarios.

Quando um insulto apopletico inutilizou e no dia seguinte matou Custodio, pouco antes chefe da conspiração, Campos Salles reformou-o em almirante, afim de melhorar o meio soldo e monte-pio da viuva e filhos do bravo marinheiro. Os jornaes disseram que o almirante moribundo, sem movimento no braço, assignara a petição de reforma, com a mão movida pela do filho. Mas é sabido que essa petição foi feita por este, ao expirar o pai, com o conhecimento do governo. . .

E' que a alma generosa e patriótica de Campos Salles esqueceu no momento o inimigo, para se lembrar que o bravo e glorioso almirante era aquelle 1.<sup>o</sup> tenente que na guerra do Paraguay com uma bala certa feita fizera arrear a corrente atravessada no rio defronte de Humaytá e que até então impedira a passagem de nossa esquadra !

Uma occasião, Campos Salles estava no Silvestre, quando á meia noite soube que amigos seus indignados com os insultos



de Edmundo Bittencourt, no «Correio da Manhã», iam fazer uma seria aggressão a esse jornalista. Immediatamente tomou as providencias mais energicas, declarando que os autores do atentado, caso se realisasse, seriam severamente punidos.

José do Patrocínio o insultou e injuriou de modo mais atroz, porem mais tarde, adoecendo gravemente, ficou na mais precaria situação material.

Campos Salles procurou um meio delicado que não ofendesse os melindres do jornalista, e levou-lhe ao lar o auxilio inesperado. Dizem que Patrocínio chorou, quando verificou a delicadeza do inimigo...

Agora o sr. Washington.

S. Excia. persegue o general revolucionario Miguel Costa, depois de vencido já no exilio, cassando-lhe injustamente a naturalização.

Logo que assume o governo, dobra os vencimentos dos generaes e deixa os officiaes inferiores e soldados na mesma situação, material, insufficiente.

Decreta a quebra do padrão monetario e aumenta o imposto afim de favorecer os ricos industriaes, desprezando a sorte dos pobres, dos operarios, dos pequenos lavradores e commerciantes e dos empregados publicos.

Foi com a nudez e com a fome das mulheres e dos filhos desses desgraçados que o sr. Washington Luis augmentou a fortuna dos Matarazzos, dos Geraldo Rocha e de todos esses milionarios que estão em S. Paulo e Rio a comprar jornalistas que escrevam artigos laudatorios aos candidatos dos escravos politicos.

«Tribuna»—4 outubro 1929.

## *Os Presidentes Paulistas*

### III

Rodrigues Alves foi talvez, de todos os nossos Presidentes o que melhor interpretou o regimen politico transplantado dos Estados Unidos para cá e estabelecido na Constituição de 24 de fevereiro.

Despresando a estreita teoria de que no regimen presidencial o Presidente é tudo e os Ministros são simples secretarios, cercou-se de homens notaveis, de vasta capacidade, traçou os planos da administração de accordo com a sua plataforma e as necessidades do pais; poz mão á obra colossal, dando plena autonomia aos ministros e chefes de serviços.

E' verdade que o feliz resultado de seu governo, muito deveu á superior politica financeira de Campos Salles, mas tambem é certo que nunca o Brasil teve administração tão progressista, só havendo uma comparavel, a do Visconde do Rio Branco no 2.º Imperio, quando presidiu o Ministerio, conhecido pela denominação de Ministerio das Aguias.

Foi o governo em que começou a brilhar a estrela do Barão do Rio-Branco, dando ao Brasil uma posição respeitavel na sociedade internacional e iluminando o continente com uma sabia politica de fraternidade Americana. E' o momento em que Nabuco honra nossa Patria no exterior, passeando a sua cultura e o seu talento, ao serviço do Brasil pelos grandes centros mundiaes—Roma, Londres, Washington...

E' quando Oswaldo Cruz, Pereira Passos, Bicalho e Frontin, põem ao serviço do Brasil, os talentos excepcionaes e as capacidades administrativas e tecnicas que os cracterisam, provocando a admiração dos maiores centros de cultura e civilisação do mundo.

Estudam-se e começam os trabalhos de varios portos, prolongam-se as vias ferreas, rasgam-se avenidas, constroem-se palacios, transforma-se a velha metropole numa cidade moderna, a mais bela do mundo. Inicia-se a reorganisação do exercito, batem-se as quilhas dos nossos couraçados e dos cruzadores, lançam-se ao mar os primeiros caça-torpedeiros.

Leopoldo de Bulhões, um dos mais competentes financistas que temos tido, dirige com maestria a pasta da Fazenda. Seabra, na Justiça, revela suas grandes qualidades de estadista; a engenharia brasileira com Passos, Bicalho, Frontin e Sampaio Corrêa a guial-a, realisa obras de grande valor para o progresso do pais e que honram a cultura e capacidade de trabalho, de qualquer povo adiantado, e Oswaldo Cruz, firme e sereno, desprezando a tremenda opposição á sua administração de sabio higienista, resolve o problema do saneamento do Rio, extinguindo a febre amarella e a variola, com a segurança de um matematico a resolver uma equação algebrica.

Mas um dia, aproveitando a oportunidade da irritação popular no Rio, contra a vacina obrigatoria, irrompe a Revolução chefiada por Lauro Sodré e Travassos, na realidade para extirpar as oligarquias aladroadas e cnicas que se haviam apoderado de varios Estados, principalmente do norte, envenenando o organismo da Nação, impondo o nepotismo, exaurindo os tesouros estadoaes, e contrahindo emprestimos escandalosos, de tipo irrisoriamente baixo, em que se percebia claramente a gorda comissão repartida entre os banqueiros e os oligarcas.

Vencida a revolta, morto Travassos, presos Lauro Sodré e outros, passados tempos, Ruy Barbosa apresenta o projeto de amnistia.

Rodrigues Alves, vitorioso, com todo o prestigio, não intervem no Congresso, e declara que si este votar a medida de esquecimento elle a sancionará.

De fato, no mesmo dia em que a Camara dos Deputados vota em ultima discussão a medida salvadora, Rodrigues Alves a sanciona e restitue á liberdade Lauro Sodré e os demais officiaes envolvidos na revolta, e abre os portões da Escola Militar, aos jovens alumnos revoltosos que o quizessem.

Por ocasião de tratar-se do candidato á eleição do Presidente para suceder-lhe, seus amigos tentaram eleger Bernardino de Campos, mas diante da opposição das forças politicas que consideravam um perigo para a Republica, a escolha do candidato ser dirigida pelo presidente, o grande estadista recuou, deixou que fosse escolhido Affonso Penna, não fês opposição á vontade da Nação, reconhecendo, assim, o direito exclusivo des-

ta em escolher o seu chefe, sem a intervenção do detentor do poder.

Tambem, quando o venerando brasileiro, desceu as escadas do Catête e se dirigiu á Estação Pedro II, afim de tomar o trem para S. Paulo, atravessou as ruas da cidade de Salvador de Sá, debaixo de palmas e flores!!

Eu acredito que os povos como os individuos tambem são guiados pelo instinto...

Só me parece que inconscientemente, o povo carioca, sentiu que Rodrigues Alves era o ultimo dos grandes presidentes paulistas, o ultimo dos grandes estadistas da terra gloriosa dos Andradas, que na cadeira de Primeiro Magistrado da Nação, honraram a Patria, a Democracia e a Republica.

«Tribuna»—1929.



## *Rui—eis a fonte*

Carlyle, o extraordinario artista do «Cromwell», filosofo, critico, historiador e poeta, cuja obra monumental assombra os mais eruditos, os mais cultos, Carlyle, um dos maiores genios da Humanidade e que talvez seja o maior espirito da velha Albion depois de Shakespeare, Carlyle disse uma vez que a mais nobre função de uma nação é produzir grandes homens.

Sob a apparencia de um paradoxo, a afirmativa do genial autor da «History of Friedrich II of Prussie» envolve uma verdade.

■ Não que eu adote as teorias de Carlyle sobre os grandes homens (perdoem-me a ousadia de combater Carlyle) pois as minhas convicções scientificas são opostas ás da escola de que elle é o grande facho luminoso.

O Brasil não faltou a essa nobre função, e é por isso que eu creio na grandeza futura de minha Patria.

Pedro II, Caxias, Mauá, Nabuco e Rui Barbosa, qualquer delles pode ser denominado :

—Grande homem, em toda a extensão das duas palavras.

Como essas estrelas que, desaparecidas, mortas, no espaço infinito, continuam por seculos a dar-nos a sua luz, assim os grandes homens, depois de mortos continuam a iluminar-nos, a guiar-nos, com mais intensidade, ás vezes, do que quando vivos.

Rui, no momento actual que atravessamos, é a demonstração evidente de minha asserção.

Morto, fisicamente, elle continúa bem vivo, espiritualmente, a guiar a Nação na reivindicação de suas liberdades e na afirmativa de suas aspirações, e a animar seus discipulos, a intensificar-lhes a fé no triunfo da Justiça e na regeneração da Republica.



## O Seculo da Democracia

O seculo XX pode, desde já, ser batizado com o nome de «Seculo da Democracia».

De fato, atravez do nevoeiro espesso que envolve a politica européa, atravez da incongruencia das escolas e doutrinas filosoficas, economicas e literarias, denunciadoras de uma grave perturbação nos espiritos, o sociologo descobre o triunfo de um grande e generoso principio, a cuja sombra se abrigam as escolas mais opostas, os adversarios mais extremos em politica, em religião e em filosofia: é o grande principio da «solidariedade humana».

E nenhuma bandeira politica, como a democratica, pode conduzir á realidade, o grande ideal, que é um dos fundamentos de sua crença.

E' que a Democracia é filha dileta do Cristianismo; e o Divino Mestre foi o primeiro que estabeleceu e pregou a grande idéia da solidariedade humana!

Todo o Evangelho, desde o Sermão da Montanha, ao ultimo dialogo de Jesus com Tomé, pode ser resumido nessas duas palavras, envolvendo principios e verdades até então desconhecidos.

Não devemos esquecer que os mais eminentes propagandistas da Bôa-Nova, S. Paulo era um tecelão e S. Pedro um pescador...

No ultimo quartel do seculo XIX existiam no mundo três democracias, as Republicas Suissa e Americana e o Imperio do Brasil.

Hoje, após a Grande Guerra, assistimos á derrocada de todas as oligarquias: com o estabelecimento da Democracia, em sua forma pura, quando os governantes comprehendem a impossibilidade da resistencia; com o triunfo da Dictadura como



fórmula transitória necessaria ao esmagamento das oligarquias, quando estas se obstinam em conservar uma instituição condenada.

Exemplo do primeiro caso, Inglaterra, Alemanha, Austria, Slovaquia e outros.

Do segundo, Hespanha, Portugal, Italia e Russia.

Nos dois primeiros a Democracia tomou a forma de Ditadura Militar, diante da obstinação das oligarquias dos politicos profissionaes, que hypocritamente, se fingindo republicanos ou liberaes, ou constitucionalistas, exploravam as respectivas nações, comprimindo o seu desenvolvimento, negando a representação a varias opiniões politicas do paiz.

Na Italia, entre as oligarquias gastas e impotentes e as ousadias do sovietismo, surgiu o fascismo sob a ditadura de Mussolini, que incontestavelmente tem o apoio da grande maioria da Nação.

A Russia é dominada pelo sovietismo em contraposição ao czarismo sepultado para sempre.

A Inglaterra, sempre pratica e prudente vai destruindo placidamente a sua aristocracia, com o triunfo do partido trabalhista no poder.

Na America, o Chile, transforma a sua republica aristocratica em democratica, e a Argentina de Rosas, o Uruguay de Oribe, o Paraguay de Francia e Lopes, estabeleceram o voto secreto e a representação proporcional, firmando a verdade eleitoral, enviando a seus parlamentos representantes de todas as opiniões, delegados de todos os partidos.

Na noite de 16 de novembro de 1889 no palacio presidencial de Santiago, do Chile, estava reunido o Conselho de Ministros. Um continuo corre o reposteiro da sala das reuniões, aproxima-se do Ministro do Estrangeiro e entrega-lhe um telegramma.

Este rasga o envoltorio, lê o despacho e exclama ao Presidente de Ministros: Acabou-se a unica democracia da America.

— Que ha ?, perguntou Balmacêda.

— Foi depôsto o Imperador do Brasil, contesta o estadista chileno.

Nesse mesmo dia a proposito do mesmo caso teve a mesma expressão em Caracas, o ministro do Exterior da Venezuela !

A frase traduz uma justa homenagem ao Marco-Aurelio Americano e ao Brasil.

Mas, para gloria do continente não se acabou a unica Democracia da America.

Pelo contrário, outras se fundaram e florescem para honra da America latina e felicidade de seus filhos.

A do Brasil apenas experimentou um colapso.

Eu confio no patriotismo dos brasileiros.

Não é possível que uma nação que inscreveu na sua Suprema Lei, os mais belos principios de liberalismo, consinta que os seus dirigentes continuem a violal-os, a postergal-os, ao sabor de interesses momentaneos, sacrificando assim o nosso credito e o nosso futuro e deshonrando as nossas tradições e os ensinamentos dos nossos maiores.

«Tribuna» — 21 de agosto de 1929.



## Federação pôdre

E' uma verdade reconhecida, hoje, por todos que se occupam da evolução politica do Brasil, que o Imperio, pondo de lado certos defeitos da raça e alguns inconvenientes fataes, devido ao meio, tinha atingido para a Liberdade e a Democracia, uma perfeição que não encontrava igual em nenhuma das republicas da America.

A' sua sombra formara-se uma escol de homens publicos que dirigiam o paiz, entre os quaes Pedro II, Silveira Martins, Ouro-Preto, Cotegipe, Saraiva, João Alfredo, Affonso Penna, Rodrigues Alves, Ruy Barbosa, Lafayette, Quintino, Saldanha da Gama, Custodio de Mello, Maracajú, Deodoro, Rio-Branco, Nabuco, Paulino, Belisario, para só citar esses, que pelo patriotismo, probidade, cultura de espirito e elegancia de atitudes, podiam honrar qualquer dos paizes mais adiantados do mundo, em civilisação e moralidade.

A deposição de Pedro II foi justificada, por dois principios: A Federação, cuja bandeira fôra hasteada, no manifesto republicano de 70, e propagada, defendida, por monarchistas e republicanos, como Nabuco, Rui, Quintino e Assis Brasil, e a escolha do chefe de Estado pelo povo, em eleição democratica, conforme era estabelecido em todas as demais constituições da America e é principio, hoje, vitorioso, na consciencia de todos os povos.

Quanto á lisura dos homens do Imperio, basta dizer que, vitoriosa a revolução republicana, deram busca em todos os livros, em todo o paiz, e não encontraram uma despeza, um emprego de dinheiro publico que não fosse o determinado pelas leis !

Pedro II, quando, dois mezes depois de destronado, faleceu a Imperatriz no Porto, não tinha dinheiro para satisfazer as despezas do hotel em que se achavam alojados, e Ouro-Preto teve

de aceitar a oferta de um portuguez, que enriquecera no Brasil, e era admirador do Imperador, e amigo de nossa Patria !

Fernandes da Cunha, um dos maiores oradores que temos tido, dissolvido o Senado, já velho, foi lecionar inglez para ganhar o pão.

Aqui, Maia, Gomes de Castro, Barão de Grajahú, Vaz, Viveiros, Franco de Sá, são bem conhecidos.

Os deputados e senadores eram escolhidos pelos partidos das provincias entre as suas elites, e os vereadores e presidentes de camara pelo povo. E' verdade que o imperador escolhia o senador, dentre os três mais votados, porém, isso, em beneficio do povo, para que todos os grupos politicos tivessem representantes, na alta camara.

O Brasil não tinha inveja, de nenhum Senado da America ou da Europa.

Quem diz Federação, diz descentralização politica e administrativa, estendendo-se a todas as corporações e atingindo até o individuo, na plena autonomia de suas faculdades intellectuaes, só tendo, por limite, o direito alheio, a moral e os seus compromissos de honra, dentro do proprio partido.

Só um imbecil dirá que é isso o que temos atualmente. O Imperio que foi derrocado, por ser centralizador, era muito mais federalista do que isso que ahí temos. A provincia era dividida em distritos eleitoraes que elegiam seus representantes nas assembleas provinciaes e geraes, cujos interesses representavam. O povo dos municipios é que escolhia os vereadores municipaes e estes elegiam o Presidente que exercia então o executivo. Os directorios dos partidos, escolhidos entre os mais proeminentes, designavam os candidatos, sem que, nem ao menos, o centro ou sasse indicar-lhes protegidos !

Que vemos atualmente ?

O centro indica os governadores, que são feitos pelas atas falsas, os quaes recebem do centro a indicação dos deputados e senadores, que são feitos da mesma forma.

Os governadores indicam os vereadores, prefeitos e deputados estadoaes que são *eleitos* pelos mesmos processos que elles, os deputados, os senadores e o Presidente !

Quando diante do clamôr nacional, por tanto disparate manifestado nas revoltas, alguns governadores procuram cumprir a Constituição, respeitando os direitos de todos e restaurando a liberdade das urnas e a moralidade republicana, opondo-se á usurpação do poder central, este, assalaria capangas, corrompe caracteres, assoldada os venaes e açula a felonía para destruir a pretensão de firmar a Liberdade e moralisar a Republica.

—Que resta do sonho de Rui e Quintino, e do sacrificio de Deodoro e Benjamin Constant ?

Que resta dos principios de Prudente de Moraes e Campos Salles, concretisados em factos, durante suas gloriosas administrações ?

—Apenas a lembrança.

De usurpação em usurpação, de violação em violação, de mistificação em mistificação, o poder central anulou todas as conquistas liberaes do povo brasileiro, vilipendiou a Republica e matou a Federação.

Ao lado do cadaver desta, em putrefação, plantou a arvore da tirania, cujas flôres, como a da mancenilheira, são fataes a todas as idéas generosas e a todas as virtudes civicas.

O peor de todos os despotismos, diz um estadista do Imperio, é aquele que, hypocritamente, é vestido com os trajes de legalidade.

Elles são abcessos, que estão a infeccionar o organismo da Patria e é preciso a intervenção energica, do galvanocauterio do cirurgião, afim de impedir uma septicemia fatal.

O' mañes de Benjamin Constant e Prudente de Moraes, porque não impedistes que as vossas idéas generosas, estabelecidas na carta de 24 de fevereiro, fossem transformadas, nessa Federação pôdre ? ! ! !



## *Marengo . . . !*

Bonaparte, cuja estrela começava a brilhar, porém com intermitências, reproduzindo o feito de Annibal, atravessa os Alpes, pelo monte S. Bernardo, e inopinadamente aparece nos campos da Lombardia.

O Barão de Melas, general em chefe das forças austriacas, concentra seu exercito em Alexandria, e no mesmo dia em que Massena capitula em Genova, Bonaparte atravessa o Pó, tendo sob suas ordens Lannes e Victor.

Mal informado das disposições dos austriacos, Bonaparte destaca o general Desaix para o sul, afim de vigiar a estrada de Novi e a divisão Lapoype para o norte, afim de ocupar Valença.

O general Lannes batera a 9 de julho o general austriaco Ott, em Montebello, quando este, depois da capitulação de Massena em Genova, seguira para Aléxandria, á reunir-se a Melas.

A 13 de junho os forças francezas com 22 mil homens e 27 canhões, acamparam na planicie em frente de Alexandria, onde se encontram as aldeias São Guiliano, Castel Ceriolo e Marengo.

Bonaparte se enganára.

Melas, longe de querer retirar-se, como supunha o general francez, reunira 35 mil homens e 200 canhões, afim de dar uma batalha decisiva.

Pelas 11 horas, Bonaparte avança com as reservas e 900 granadeiros da guarda consular, porém não poude dominar o ar-rojo vitorioso dos austriacos, apesar da resistencia heroica da guarda, immovel sob o fogo, como um reduto de granito.

Os francezes, derrotados, bateram em retirada, e o Barão de Melas, deixando ao general Zach a incumbencia da perseguição aos vencidos, entrou em Alexandria, donde expediu, urgentemente, correio para anunciar a Vienna a sua vitoria sobre Bonaparte.



A Italia do norte festejou a gloria de Melas e Vienna illuminou, na noite do dia em que o correio, apressado, do precipitado general austriaco, levou ao Imperador a noticia de ter ganho a batalha...

Bonaparte, si era de facto o general em chefe do exercito francez, não o era legalmente, pois a constituição do anno VIII prohibia aos consules, exercerem o comando. O chefe era Berthier e Bonaparte viéra somente como assistente, tendo usurpado a chefia.

Baseado nisso, logo ao ouvir pela manhã o troar do canhão, desobedecendo as ordens de Bonaparte, por saber da inferioridade das tropas francezas, Desaix, o heróe da batalha das Piramides, o honesto administrador do Egypto, a quem os naturaes apelidaram —o Sultão justo, Desaix, o general glorioso da retirada brilhante de Wissemboerg, o heroico commandante do centro do exercito do Reno e Mosella, dirigido por Moreau, voltou sobre seus passos em dizeção ao campo de batalha, encontrando em meio caminho o chamado de Napoleão.

Pelas 3 horas, encontra-se com este que lhe diz:

—A batalha está perdida.

—Poderemos ganhar ainda outra, replica Desaix.

E ordenam que suas tropas entrem em fogo.

Os francezes se reanimam e a divisão do heroe do Reno, tomando a ofensiva, expulsa os austriacos de San Guiliano... Mas, desgraçadamente, Desaix é ferido mortalmente, em pleno coração.

Então, Kelerman, o filho do heróe de Valmy, á frente de 400 dragões, investe sobre o centro inimigo, num arrojo magnifico e combate os austriacos que, derrotados no centro e ameaçados de serem envolvidos pela direita franceza vitoriosa, abandonam Castel Cariolo e Marengo, recuando em plena derrota, e deixando 8 mil cadaveres no campo de batalha.

Ao anoitecer, os destroços do exercito de Melas, atravessam novamente o Bormida, mas para abrigarem-se dentro das muralhas de Alexandria.

Já, de muito os correios apressados de Melas haviam seguido rumo de Vienna, espalhando a noticia da derrota de Bonaparte, que foi propagada por toda Europa...

.....  
Irapuasinho é a Marengo da oligarquia e o Catête a sua Alexandria.

O Marechal da fraude, não mandou correios, mas, diante de uma leviandade do Desembargador Borges de Medeiros, tele-

grafou aos seus capitães e estes aos bagageiros, comunicando a grande vitória do exercito de atas falsas.

E o Brasil inteiro ficou, durante um dia, convencido do triunfo dos soldados da fraude.

O sr. Washington, porém, não previu a resistencia da Guarda Libertadora.

Como o Desembargador gaúcho, fôra outróra um dos mais bravos generaes da fraude eleitoral, s. excia. confiou no espirito de camaradagem e admiração pelo colega inexcedivel em bravura, estrategia e tatica.

Devia, porém, lembrar-se da mocidade gaucha, dirigida por Flôres da Cunha, Oswaldo Aranha, João Neves e outros.

Agora, Luzardo, que embarcou, em avião, para Porto Alegre, irá dar a carga decisiva á Kellerman, no centro inimigo, e, então, verão os catêstistas que se apressaram nos foguêtes e, como nas luminarias de Vienna, o que festejaram foi... a derrota de Marengo!



## *E somos nós os sanguinarios ...!*

Pobre intelligencia humana, como tu és, limitada, mediocre, falha...!!!

Estas palavras me sahiram da boca, hontem, pela manhã, depois de ler o telegramma de meu grande amigo, o glorioso tribuno Baptista Luzardo, a quem o Brasil inteiro ama e admira, como uma de suas mais lidimas glorias, como um dos mais intrepidos generaes da cruzada civico-libertadora, em que nos achamos empenhados, para honra da Patria e salvação do Brasil !

No mesmo momento, em que, traçando os periodos do escrito anterior, eu, com o coração de cristão, o orgulho de brasileiro, a vaidade de sociologo e a pretensão de filosofo, afirmava que o «Brasil ainda não chegou ao ponto de degradação moral dos politicos mandarem assassinar seus adversarios», no mesmo momento, na cidade de Natal, caiam mortos pelas balas da oligarquia nefanda, tres brasileiros, eram feridos doze, entre elles senhoras; e, milagrosamente, eram salvos Luzardo e seus companheiros de jornada civica, da tentativa covarde do assassinio, pelas balas das armas homicidas que caíam no salão onde se achavam reunidos os intrepidos caravaneiros !

E, nós, é que somos sanguinarios !

Natal, é uma cidade de 20 mil almas em que o Partido Democratico é pequeno, mas a maioria da população, como em todos os Estados do norte, é simpatica á causa-libertadora, cuja vitoria a vem livrar da ignobil oligarquia que explora.

Em Curitiba, no principio da campanha, cahiu varado pelas balas da policia, o capitão Osmar Medeiros, esperança do Exercito.

Em Garanhuns, ha pouco tempo, Luzardo, no momento em que orava, foi alvejado por balas assassinas, milagrosamente escapando.

No Ceará, devido a uma imprudencia do chefe de Policia, sahiu ferida, se acha acamada a mãe de Alcides Carneiro, e outra senhora enlouqueceu.

E, somos nós, os sanguinarios !

Em Minas, assassinam o estudante Mario Brant, admirador do Presidente Antonio Carlos e como os carlistas reagissem, trava-se um tiroteio em que ha mortos e feridos de parte a parte.

Os prepostos do sr. Presidente da Republica, criminosamente, se apoderam do telegrapho e da mais importante linha ferrea do Paiz, espalham pelo Brasil as maiores mentiras, adulteram os fatos, dão-se como vitimas de tentativas de assassinatos; não dizem que dentre seus adversarios muitos foram mortos, não dizem que o Presidente Antonio Carlos, foi por elles impedido de mandar forças para garantir a alguem, e, autoridades superiores, para apurar responsabilidades; nada da verdade elles dizem, porque o que desejam é apoderar-se do governo de Minas, por meio das forças do exercito, mandadas pelo sr. W. Luiz.

E, nós, os aliancistas é que somos os sanguinarios !

Elles, criaturas de bom coração, anjos de pureza que têm horror á côr vermelha, e não gostam de sangue nem em sapátel ou cabidêla !

Em Alagôas, a policia procura dissolver um comicio em que tribunos liberaes pregam o credo democratico, só recuando diante da energia dos officiaes do brioso exercito nacional, que ameaçam de garantir o comicio, com o batalhão federal ali estacionado, na hipotese da policia não retirar-se !

E, somos nós, os aliancistas, os sanguinarios !

E, para punir a audacia dos criminosos aliancistas, os nossos adversarios nos ameaçam de estado de sitio, como si nós fossemos macacos que teem medo de caretas, e não tivessemos passado pela infancia esse bom tempo de que ficou, a todos nós esta liçãozinha:

— Quando se tem mêdo, fala-se alto, e grita-se muito, para a gente se iludir e iludir a outros.

Mas, pessoas experimentadas, sabem perfeitamente disso e, quando, num momento como este, ouvem gritaria e ameaças, já sabem que é mêdo, mas mêdo muito...

Não mêdo de agressores ou vinganças dos chefes aliancistas, da mesma forma que não o temos dos nossos adversarios, pois a educação e costumes de nossa terra não permitem tal suposição, não admitem que qualquer de nós faça ao outro a injuria de supol-o capaz de desconhecer suas responsabilidades !

Mas mêdo de perder o poder pelas urnas ou pela onda revolucionaria, mêdo do ostracismo que desconhecem, mêdo da adopção dos nossos metodos democraticos a que não estão habituados !

## *Profanadores de cadaveres*

O ardor civico que anima a alma nacional de um a outro extremo do paiz, em manifestações inequivocas de apoio ás candidaturas Getulio Vargas — João Pessôa, principalmente, depois da visita do impoluto rio-grandense ao Rio, e, após, a leitura de sua monumental plataforma, tem enchido de despeito os espiritos dos arautos das candidaturas do Catête.

Esse despeito que dia a dia, vem aumentando com os triunfos das caravanas liberaes, por toda parte recebidas com delirantes aplausos das multidões, explodiu, ultimamente, em uma sarraivada de insultos á Aliança Liberal e ameaças de estado de sitio, a proposito do lamentavel incidente de Montes Claros, que todo brasileiro, todo homem digno só pode lamentar e condemnar os culpados, sejam elles quaes forem!

Continuem a ameaçar-nos com estado de sitio, que isto não nos amedronta, nem nos faz desviar uma linha do caminho já traçado.

Bem sabemos a que extremos conduz o mêdo de perder o poder naqueles que já sentem proxima a derrota. Uma de suas manifestações é essa de ameaçar o adversario...

Mas, pelo amôr de Deus, não profanem o cadaver do deputado pernambucano, cahido morto na Camara, em um incidente todo pessoal, nem os cadaveres das criancinhas ceifadas nas ruas de Montes Claros, a cidade sertaneja de Minas, indiretamente, vitimas innocentes da prepotencia do sr. Washington Luiz, casada com a felonias do sr. Mello Vianna e a ganancia do sr. Carvalho de Britto.

O povo não é composto de imbecis, para acreditar que o sr. Antonio Carlos ou a Aliança Liberal tivessem algum interesse na morte daquelles dois illustres mineiros.

Pelo contrario, todo o nosso interesse é conserval-os bem

vivos na muralha da Bastilha de Macahé, onde commanda a prepotencia do sr. Presidente da Republica.

Que lucraria a Aliança mandando assassinal-os ?

— Nada.

Que perderia ?

— A força moral perante o povo, para a propaganda da causa, alem do mais.

Os nossos adversarios sabem que a Aliança não é dirigida por energumenos.

Quando Baptista Luzardo, o glorioso deputado democratico, que todo o Brasil admira, foi alvejado por sicarios ignobeis, nós não lançamos a culpa sobre o partido adverso, porque não admitimos que o Brasil chegasse a esse ponto de degradação moral, dos politicos mandarem assassinar seus adversarios.

Quando a veneranda mãe de Alcides Carneiro, em Fortaleza, foi ferida no conflito provocado pelo chefe de policia, na ocasião em que orava aquelle tribuno, conflito estúpido que determinou a loucura de uma senhora, que assistia o comicio, nós não responsabilizamos nossos adversarios por aquelle incidente, nem os chamamos bandidos.

Haverá algum dos nossos adversarios que julgue Assis Brasil, Antonio Carlos, Luzardo, José Bonifacio, Seabra, Lacerda de Almeida, Epitacio Pessôa, Wenceslau Braz, Moraes Barros, Neves da Fontoura, Morato ou Gama Cerqueira, capazes de mandar assassinar um seu adversario ?

O', não levem a paixão a tal ponto.

Lembrem-se que, com o mesmo exaltado carinho com que servem agora á prepotencia do sr. Washington Luiz, já prestaram homenagens aos srs. Arthur Bernardes, Epitacio Pessôa, Wenceslau Braz, presidentes, e Seabra, Affonso Penna, Simões Lopes, Setembrino, Dantas Barreto, Getulio Vargas, Antonio Carlos, Carlos Maximiliano, Sampaio Vidal, Calogeras, ministros.

E, si, então, não tiverem inteligencia sufficiente, para nelles descobrir o instinto de bandidos, não devem confiar muito, nessas tardias manifestações intellectuaes que só agora, apparecem, quando elles já não têm em mãos as redeas do poder. . .

A luta em que nos achamos empenhados, só pode ser benéfica ao progresso moral e material do Brasil; e todos nós, de ambos os lados, que agimos com sinceridade, prestaremos inestimaveis serviços á nação, disposta a sahir do pantanal em que a mergulhou essa politicalha indigna.

Mas, a luta não deve sahir do terreno dos principios e das idéas e dos erros a corrigir.

Abandonem a santa paz dos tumulos.

Não façam dos cadaveres dos amigos ou desconhecidos mortos, bandeira de campanha politica para ferir adversarios, muitos dos quaes já serviram como amigos.

O povo não os acreditará, desprezará a retorica balofa e infantil, e, si continuarem a trilhar nesse caminho inglorio, quando passarem, prestem atenção, que hão de ouvir do seio da multidão a exclamação de desprezo:

Profanadores de cadaveres!





## O grito derradeiro !

MORRO, MAS GETULIO SUBIRA' !

Foram estas as ultimas palavras de uma creança, pronunciadas ao morrer, em Natal, vitimada pelas balas da tirannia oligarquica, com a alma em flôr, prestes a realizar a viagem misteriosa de que se não volta mais...

De todas as manifestações de simpatia, que tem recebido o dr. Getulio Vargas, certamente nenhuma o emocionará tanto, como esta do heróesinho da terra dos Potiguaras !

E' que ella é adornada, enfeitada, perfumada com a pureza immaculada da infancia e a santidade do martirio.

Só a Beleza tem o condão magico de suavisar as agruras da Vida, somente ella logra a ventura da homenagem do culto dos crentes de todas as religiões, dos adeptos de todos os credos.

E não pode haver maior beleza do que a envolvida na sublimidade do grito derradeiro desse heróesinho do Rio Grande do Norte.

—MORRO, MAS GETULIO SUBIRA' !

Elle lá foi ouvir a palavra ardente de Luzardo e seus companheiros de apostolado civico. Talvez, ás escondidas do pae e da mãe, deixou o livro e compareceu á manifestação aos caravaneiros que chegavam á sua terra escravizada, pregando o Evangelho da Liberdade. Elle ama a liberdade, instinctivamente ama a Justiça e, por isso, se entusiasma pelo homem, cuja vitoria elle acredita representar o triunfo daquelles principios que já dominam sua alma de creança.

Mas, ó suprema miseria, ó vergonha das vergonhas, essas mesmas armas que pela lei deviam defendel-o, esses mesmos homens que pelo mais elementar dever de hora eram obrigados a sacrificar as vidas para salvar a sua, são os que o matam !

E, elle, não tem uma palavra de odio para os seus mata-

dores, não tem uma expressão de fel, para os que tão cedo o arrancaram para sempre, aos beijos da Mãe, aos carinhos do Pai e á ternura dos irmãos !

Não ! em sua alma pura não ha lugar para o odio, em seu grande coração só podem achar abrigo os nobres e elevados sentimentos. Elle é creança, mas sabe que só lhe restam momentos de vida . . .

Então, o menino cresce, eleva-se e agiganta-se, tomando as proporções de um daquelles heróes antigos da Helade que a lira inspirada dos aedos cantava.

Depois, na inspiração profetica do derradeiro alento, todo virilidade, todo entusiasmo, todo eloquencia, exclama :

—MORRO, MAS GETULIO SUBIRA' !

Não procurem interpretar a frase, sem penetrar a alma das palavras.

As palavras tambem têm sua alma; mas, para conhecel-as, é preciso vermos o momento e a epoca em que foram pronunciadas.

A epoca é de luta entre a Liberdade e a tirannia, o momento é o da morte de quem o pronuncia, morte causada por essa tirannia. Atendendo a essas circumstancias poderemos penetrar a alma das palavras, e, assim, compreender a frase.

—MORRO, MAS GETULIO SUBIRA' !

Na bôca de um homem, essa frase revelaria energia e dedicação partidaria, mas na de uma criança, ella revela mais alguma coisa, que só o subconciente explicará.

Ella quer dizer: Vocês matam-me como mataram a outros, mas, isto não aproveita a vocês, que terão de cahir fatalmente.

A minha morte é a prova de que vocês não são republicanos e sim exploradores da Republica.

Ella ainda mais animará o povo, o exortará a tomar conta de seus destinos, libertando-se da oligarquia que o escravisa, explora e avilta.

Os dias do dominio de vocês estão contados. Isto não continuará, a Nação está cansada de sofrer.

A Republica é o governo do respeito á Lei, á Virtude e á Justiça, e não o dominio do crime, do vicio e da baixesa. Vocês podem matar, mentir, calumniar, ameaçar, mas será por pouco tempo, pois o triunfo da Democracia é fatal !

—MORRO, MAS GETULIO SUBIRA' !

O' meu correligionariosinho de Natal, a quem os miseraveis roubaram dos beijos da Mãe e das caricias do Pai, como eu sinto estar tão longe !

Eu bem quizera estar ahí, ao lado de meus irmãos de idéa, para, antes de ser entregue teu corpo de creança á terra, nossa mãe commum, ter ao menos a triste compensação de beijar-te a testa enregelada, e deixar cahir, sobre tuas faces frias, as lagrimas quentes que molham, agora, o papel em que escrevo.



## O lenço vermelho

Uma das objurgatorias que lançam contra nós, os adversarios da Aliança Liberal, é o uso e a apologia do lenço vermelho, adotado por muitos partidarios da regeneração da Republica como simbolo de suas crenças.

Elles enchergam nisso uma afronta, uma ameaça á sua integridade fisica, uma prova dos nossos instintos sanguinarios que queremos propagar entre as multidões.

Dahi o seu horror, hypocrita ou verdadeiro, á côr vermelha, que é a côr do sangue, o qual é a propria Vida !

Esquecem-se os nossos antagonistas que a população brasileira é toda ella cristã, catolica, e a Veronica de Jesus é apresentada ao povo, em côr vermelha, que é a côr do sangue, simbolizando o proprio sangue do meigo filho de Maria...!

Elles olvidam a Cruz, hoje, o simbolo de tudo que ha de mais belo em Moral e foi-outrora um instrumento infamante, o simbolo da indignidade ! Elles ignoram ou fingem ignorar que tudo na Vida é movimento, evolução, transformação, adaptação, não sendo, para muitos, a Vida outra coisa sinão o movimento dos atomos.

Ah ! o vermelho é a côr dos labios de nossos filhos desprendidos em sorriso; o vermelho é a côr das faces de nossas irmãs quando as tinge o pudor !

E que poderá haver de mais puro do que o sorriso da creança e o pudor da virgem ? !

O lenço vermelho foi trasido ao norte pela Caravana Democratica chefiada por Assis Brasil.

Antes de encostar ao caes do Recife, o navio em que viajavam os caravaneiros, um delles cumprimentou o povo com um lenço encarnado, sendo delirantemente ovacionado pela multidão, apinhada no caes e na praça Rio Branco. Os jornaes de

Pernambuco noticiaram o fato de forma sugestiva, e os correspondentes telegraphicos transmitiram, para todo o Brasil, a noticia do incidente. Os caravaneiros democraticos continuaram, então, a agitar os lenços encarnados, no que foram imitados por outros oradores e pelo povo em geral. Ficou, então, o lenço encarnado considerado o simbolo dos ideaes democraticos.

Organisada a Aliança Liberal, na qual está o Partido Democratico, de todo o paiz, o lenço encarnado passou a simbolisar as aspirações da Aliança, que são as reivindicações dos direitos do povo, naturalmente porque era tambem o que elle significava antes para todos.

O interessante, porém, é que, dantes, o lenço vermelho foi o simbolo dos Democraticos gauchos, em opposição aos Republicanos tambem gauchos, cujo simbolo é o lenço verde, e hoje os gauchos usam no Rio Grande côres entrelaçadas. Mas, fóra do Rio Grande, maragatos e pica-páos, isto é, democraticos e republicanos, usam somente o lenço vermelho, como simbolo do Brasil livre.

Isto demonstra o cavalheirismo e a superioridade do rio-grandense.

Entre elles não ha perfidias, não ha ciumes nem prevenções.

O lenço vermelho, hoje, no Brasil, é o simbolo da honra, da dignidade e da altivez. Nós o usamos como prova do amor á Liberdade e desprezo á tirania oligarquica.

A côr do lenço vermelho é a côr do sangue, mas não é do sangue de nossos oppositores, a derramar, como elles fingem compreender.

E' o nosso, é o sangue de todo brasileiro que deseja ser livre, que deseja trabalhar, lutar, esforçar-se por um Brasil mais feliz, mais digno, mais nobre.

O sangue que queremos derramar é nosso, para regenerar a Republica, implantar no Brasil o dominio do Direito e da Justiça, destruindo a oligarquia que seria a causadora de todas as nossas desgraças, si ella não fora já, para o Brasil, a propria desgraça.

Quando muito, si os nossos adversarios encontrassem sangue em nosso lenço vermelho, esse sangue seria o da Republica, que a oligarquia apunhalou, covardemente e que nós havemos de restabelecer, resuscitar para honra nossa e felicidade de todos os brasileiros.

Seguimos, assim, o exemplo dos primeiros cristãos, que molharam o lenço no sangue de Jesus, morto pela covardia de Pilatos e hipocrisia dos phariseus...

## *A agonia da oligarquia*

Quem duvidar ainda da vitoria da Nação, sobre a autocracia palaciana, apoiada na oligarquia que nos avilta e oprime, e, como um enorme vampiro, está a sugar o sangue da Patria, é só atentar para os processos adotados pelos catetistas, na campanha presidencial.

E elles bem demonstram que assistimos aos ultimos estertores de um moribundo, que, ainda, na esperança de uma volta da saude, ostenta toda sua maldade e sua hipocrisia, os verdadeiros caracteristicos de sua vida.

■ Maldade e mentira ! Eis as armas dos partidarios da candidatura do Catête, em toda essa campanha em que nós, de norte a sul, estamos empenhados com o povo, para salvá-lo e a Republica.

Elles bem sentem que os srs. Getulio Vargas e João Pessoa, hoje em dia, já não são mais os candidatos da Alliança Liberal, mas os candidatos da propria Nação, que tomou-os e adotou-os, como os legitimos interpretes de seus interesses e de suas aspirações !

Elles bem vêem que essas manifestações delirantes, com que o povo nortista, de todas as classes, de todas as edades, de ambos os sexos, recebem as caravanas liberaes, são uma prova eloquente de sua simpatia, de seu apoio ás candidaturas Getulio Vargas e João Pessoa.

Elles vêem claramente, que essa repulsa do publico aos jornaes catetistas, não os comprando, não os lendo, é a condenação á oligarquia; é a repulsa á chapa Julio Albuquerque—Vital Soares que elles, escravizados, defendem por ordem dos senhores !

Elles compreendem, perfeitamente, que essa simpatia de senhoras e creanças, cujos paes e maridos são situacionistas,



pela causa dos aliancistas, aplaudindo os nossos tribunos, completamente identificados com as nossas familias, são uma prova provada de que elles representam a alma da Nação, que, insofrida, marcha para a conquista de sua Liberdade, com a resolução firme de fazer valer os seus direitos.

Então, o mêdo da queda, o terror da derrota, os faz seguir esse caminho tortuoso, da maldade, da mentira e da ingratição. Cobardemente assassina até creanças e senhoras, em Natal, Garanhuns, Penêdo, Vitoria, Campo Grande, e diante de um incidente desgraçado, como o de Montes Claros, em que o proprio Presidente de Minas, chefe da Aliança, determina as providencias e manda prender os responsaveis, elles dizem que nós é que somos os sanguinarios !

Dá-se um levante de sargentos em Juiz de Fóra, elles inventam que dois batalhões gauchos se revoltaram.

Getulio Vargas, num cumprimento de dever, comunica ao Presidente da Republica que deixou o governo e Oswaldo Aranha que o assumiu, elles espalham, por todo o paiz, que os dois grandes chefes liberaes estão com o Catête !

E, não é tudo. Elles, que foram serviçaes dos srs. Eпитacio Pessoa e Artur Bernardes mandam insultal-os por seus asseclas, nos jornaes e nas praças publicas, esquecidos de que quando no poder estes brasileiros, cometiam todas as baixezas, para beijar-lhes os pés !

Mas, isto são os ultimos estertores da oligarquia moribunda !

Ella ha de, fatalmente, ser aniquilada, morta !

O dinheiro do Banco do Brasil e do Tesouro de S. Paulo não pode comprar a nação.

Os venaes já se foram e, se não tiverem a sorte de Judas, é porque uma só figueira não chega para enforcal-os. Elles têm a consciencia propria, que, mais tarde, ha de condenal-os e enforcal-os no despreso do povo.

A transformação da mentalidade geral, só não a reconhecerão aquelles que não querem vêr !

Nós não podemos duvidar da vitoria de nossa causa.

E' tão impossivel hoje ser detida a marcha vitoriosa da Democracia, como seria impossivel paralisar, detêr a carreira impetuosa da pororóca, subindo, ruidosamente, o estuario do Mearim, em uma sizigia de Agosto !

## *A lição dos gaúchos*

Entre as minhas vaidades e as minhas fraquezas, (ellas são muitas) existe a de que bem poucos brasileiros conhecem o Brasil como eu. Sei que Capristano de Abreu, Silvio Romero, o Barão do Rio Branco e o Conde de Affonso Celso, talvez os homens que melhor tenham conhecido o Brasil, dedicaram-se com carinho ao estudo das coisas de nossa Patria, servidos, todos, pelos seus extraordinarios talentos e grande patriotismo. O fato, porém, de ter eu, desde menino, por circunstancias varias, estado em diversas provincias e estudado sua historia, seus costumes, seus usos, suas tradições, as minhas repetidas viagens pela costa e pelo sertão, olhando, perquerindo, observando a alma das populações de todas as classes, desde a caixeirinha dos armazens de moda da Aveuida Rio-Branco até á cabocla do Amazonas, da elegante carioca á ingenua sertaneja de Barra do Corda, do ministro de Estado ao promotor sertanejo, do milionario ao pobre tangerino, da soberba Rio á modesta aldeia sertaneja, junto ao estudo de historia, jurisprudencia, litteratura, economia, finanças, filologia, genealogia e, ultimamente, mineralogia e geologia, em relação ao Brasil, tudo isso, talvez, seja a causa dessa minha vaidade.

Tenha ou não autoridade, eu digo que não conheço, atravez de nossa historia, um caso de civismo, abnegação, elevação, tão belo, tão empolgante, como o que nos oferece o povo gaúcho, neste momento delicado da evolução brasileira.

Nem a reação pernambucana ao dominio holandez, nem as revoluções republicanas de 17 a 24, nem a Independencia, nem o 7 de abril, nem a campanha abolicionista, se lhe podem comparar em generosidade, desprendimento, nobreza e cavalheirismo.

Justamente nos pontos em que os gaúchos são atacados,

pelos catetistas despeitados, é que eu acho a grandeza, a beleza de suas atitudes. Não ha exemplo em nossa historia de semelhante conduta politica.

Um dos pontos do programma governista era o voto a descoberto, por questão de doutrina, pois esse partido desiste, declarando que não se oporá á vontade da nação. Diante disso os opositoristas aceitam a candidatura de seu adversario á Presidencia da Republica, sob condição mais de algumas reformas e a concessão da anistia que aproveita a seus amigos exilados.

A beleza não está ahi, pois essa transação não é mais do que uma resultante do bom senso. A Politica é a arte das transações; sem transações não pôde haver sociedade, nem mesmo a conjugal. A propria Vida não é mais do que uma serie de transações...

A beleza está no modo por que executam esse acordo e na sua evolução a fins ainda mais nobres. Não ha, da luta, distinção entre libertadores e republicanos, nem ciumes, nem deslealdade. Os postos de honra e de perigo são oferecidos e aceitos indistintamente. Do Rio a S. Paulo o sr. Getulio Vargas é acompanhado, exclusivamente, por democraticos.

Baptista Luzardo, democratico, é uma das principaes figuras da campanha civica e chefia a principal Caravana do Norte.

Quando Flores da Cunha, do sul, se quer dirigir ao povo do norte, é por intermedio de Baptista Luzardo, que fala.

Ha cerca de três annos bateram-se bravamente nos pampas, um contra o outro, em formidaveis entreveros, commandando cavaleiros aguerridos. E, não ha ciumes e não temem deslealdade. Si houver ciume é das extremas esquerdas, por causa da ligação intima das extremas direitas...

A principio, o que na alma gaúcha solidificou o acordo dos politicos foi o orgulho riograndense, aquelle orgulho provinciano, a que não foi extranho nem o grande espirito de Silveira Martins. Mas, depois que elles se sentiram fortes, quando perceberam que formavam um bloco indestrutivel, e que o Brasil inteiro os aplaudia, então, na alma rio-grandense despertaram os sentimentos da brasilidade, a grande Patria os empolgou, a gloria de libertar os irmãos do norte, escravizados pelas oligarquias, os arrastou, impetuosamente, cavalheirescamente, para a luta, esquecendo, completamente, resentimentos locais e, no bremente, confessando até culpas que tiveram nessa escravidão.

Tambem a alma nortista tem sabido corresponder ao cavalheirismo gaúcho. Um dia destes, um menino foi convidado,

pelo pae, um catetista, para assistir um comicio governista. Calmo e sereno, como se fôra um homem, a creança respondeu:

—Eu sou getulista, não posso e não vou ouvir falar mal do Getulio.

Um caboclo de Tutoia, a quem um governista foi pedir o voto para o sr. Julio Prestes, perguntou:

—E' do Rio Grande esse Julio Prestes ?

—Não, respondeu o governista, é o dr. Julio Prestes, candidato do governo.

—Apois eu, respondeu o caboclo velho, só voto no Rio Grande do Sul.

Os exemplos dos gaúchos, do menino e do caboclo, são lições que devem ser estudadas por todos os aliancistas, catetistas e neutros.



## Carlos Prestes

Eu não acredito que homem algum possa salvar uma nação. Não creio mesmo que, em momento algum, da evolução da humanidade, tenha existido algum homem, condutor de povos, cuja superioridade, sobre os demais, seja tal que elle os sobrepuje por essas qualidades superiores, collocando-se, naturalmente, justamente, nessa posição de distancia dos outros, com que a Historia nol-os apresenta.

A Historia é um romance.

No romance o artista cria tipos com elementos que, consciente ou inconscientemente, elle retirou dos homens que conheceu ou estudou, entre os quaes elle proprio é maior fornecedor da materia para as suas construções. Na Historia, o artista, que é o historiador, toma os homens e os fatos, pinta-os com o seu estilo, atravez de seu temperamento, de suas idéas, de seus prejuizos, de seus principios.

Taine, o proprio Taine, não é mais do que um artista.

Aquelle Robespierre é criação sua... Quem diz artista, diz creador. Carlyle, não é mais do que um grande artista. Este Napoleão, que nós conhecemos, nunca existiu. E, si a França não tivesse conquistado a Corsega, si elle não fosse educado na escola de Brienne, e se envolvesse no drama da Revolução, certamente, seria um bandido vulgar, que terminaria os dias em qualquer carcere da Italia.

Mas, teve por tumulo a cripta soberba dos Invalidos!

Acredito na bôa estrella, que não sei e nem ninguem sabe o que é.

Não creio nos grandes homens de Carlyle, nem nos super-homens de Nichte, mas acredito nas crises moraes das nacionalidades, em que todos se acoram, um tipo vulgar fica de pé, tomando, então, as proporções de um gigante. E' o caso de Floriano.

Creio também no despertar das nacionalidades, após uma grande depressão moral. Então, as qualidades da raça, as suas tradições superiores, as suas aspirações se manifestam, por toda parte, e concretizam-se na admiração a um ou a uns dos membros dessa nacionalidade que, por suas atitudes e por seus gestos, chamam a atenção dos olhares sobre sua personalidade.

É o caso de Luiz Carlos Prestes, que depois de vencido, por tanto tempo no exílio, vê sobre sua pessoa a atenção geral dos brasileiros, não só como simbolo da honestidade, do patriotismo e da bravura, como também uma esperança de futuras reivindicações.

Para isto contribuíram muitas circunstancias. A corrupção geral do paiz, a degradação a que desceram os metodos politicos, a annulação do regimen republicano, com a inexistencia de eleição, o aviltamento do poder legislativo e a corrupção do judiciario, de um lado, e, de outro, a epopéa arrebatadora da marcha da columna Prestes em contraste com a covardia geral; a honestidade de Carlos Prestes, sua cultura, sua inteligencia, sua bondade, seu amor á Patria, suas virtudes emfim, propaladas, espalhadas, difundidas pelos colegas e pelos amigos intimos formam um enorme claro-escuro, um grande quadro a Rembrandt, forçando a atenção e a admiração.

Agora acrescenta-se a tudo isto, o espirito democratico da nação demonstrado até na imponente figura do grande Imperador, cuja memoria o povo republicano adora; o desaparecimento dos grandes brasileiros, que deram vida aos primeiros tempos do regimen—Rio Branco, Rui Barbosa, Rodrigues Alves, Campos Salles, Murtinho, Nabuco, Afonso Penna, Prudente de Moraes, Antonio Prado, a condemnação da falsificação do regimen por Rui Barbosa, Nilo Peçanha, Antonio Prado, Assis Brasil e outros, e terão a explicação dessa fascinação que sobre os brasileiros exerce o capitão, cuja estatura gigantesca é nimbada pelas projeções lilaceas do exílio.

Elle é, de fato, o chefe dessa mocidade, desse Brasil novo que, se inspirando nas tradições de civismos dos antepassados, há de esmagar as oligarquias, ha de reorganizar a Republica.

Então, retomaremos o caminho que nunca deveramos ter abandonado, é o Brasil caminhará vertiginosamente, na senda do progresso, afim de representarmos na America e no Mundo papel glorioso que o genio de Victor Hugo nos vaticinou, outróra, e a sabedoria do grande Lloyd George nos previu agora.

Da «Patria».

## *De braços abertos*

Já deve balouçar-se nas águas dos verdes mares bravios, que banham a terra de Iracema, o barco que conduz Luzardo e companheiros da gloriosa jornada, em busca da terra de Coema...

O povo cearense, na sua ansia de liberdade, não deshonrou suas tradições de civismo.

Elle bem comprehendeu que Luzardo e seus companheiros, não são mais do que os evangelisadores da bôa-nova da regeneração da Republica, corrompida, falsificada pelos fari-seus republicanos.

O Ceará, que tem o sólo regado pelo sangue de filhos altivos, que ha um seculo sonharam a Republica, não podia ficar indifferente ao verbo dos apóstolos do bem.

E, agora, depois de aplaudil-os em delirio, os cearenses, vão deixal-os ao embarque para a velha Atenas, cheios do mesmo entusiasmo e com votos para que os recebamos como dignos filhos da terra de João Lisbôa.

O povo maranhense os espera de braços abertos!

Enganam-se os que supõem que o Maranhão é esse conjunto flacido de individuos que servem a todos os governos, bajulam a todos os poderosos, mesmo áqueles a quem pelas costas invectivam do modo o mais cruel, escravos que se sujeitam a todas as imposições, sempre aptos a todas as vilanias.

Não! o Maranhão, como todo o Brasil, possúe energias reservadas, em estado latente que desconhecem os bajuladores e os hypocritas. Não se apagou ainda, na terra de João Lisbôa e Odorico Mendes, a noção da dignidade e do brio.

A escravidão negra deixou em nossa terra sulcos indeleveis, mas, tambem, a atuação moralisadôra dos grandes maranhenses de outróra, despertada agora pela gloriosa agitação



cívica que abala a nação, no mais recondito da alma, sobrepujará, anulará essa herança nefasta, que tanto nos tem aviltado e tanto tem contribuído para a decadência moral e material a que atingimos.

E a prova é esse despertar de energias, são esses aplausos que os maranhenses prodigalizam á causa libertadora, com muito mais efficacia do que supõem os nossos adversarios.

Elles os estão demonstrando, na ansiedade com que esperam a caravana gloriosa, não se limitando, não se satisfazendo com a leitura dos jornaes alliancistas, com os telegrammas que publicamos dos nossos correspondentes e de Baptista Luzardo.

Elles nos indagam nos bondes, nos cafés, pela chegada da caravana, pelas noticias tendenciosas dos adversarios, pesados quando um catetista insinua em sua gazeta, a possibilidade de não vir, radiantes, quando mostramos a inuidade da patranha.

E, não são somente os nossos correligionarios, são populares, são senhoras, são creanças que demonstram a alegria que os domina pela expectativa de ouvirem a palavra dos tribunos impeterritos.

Luzardo, até bem pouco tempo, era um rio-grandense notavel, hoje, elle é um nome nacional.

Não é somente pelo talento e pela bravura cívica que se distingue o nosso grande amigo.

Luzardo é um perfeito cavalheiro, não na significação moderna do vocabulo, mas dando-se-lhe a alma medieval!

Só a terra de Silveira Martins poderia, na época actual, produzir um Luzardo.

Elle não é um motivo de orgulho, só para nós do Partido Democratico, e da Aliança, mas deve sê-lo para todo brasileiro em cujo peito resta ainda uma particula de sentimentos nobres, e, que poder colocar a Patria e a Justiça acima do seu egoismo estreito e de sua paixão subalterna.

Os maranhenses esperam os caravaneiros de braços abertos, como se cada um fosse receber um irmão querido, que voltasse coberto de glorias, pela defeza da Patria, dos campos de batalha!

E' assim que eu, ansioso, aguardo o momento de abraçal-os.

## *A Belgica brasileira*

Quando o anno passado, no principio da campanha eleitoral, começaram a chamar a Parahiba — a Belgica brasileira, eu mesmo sorri, diante da figura retorica, filha de nossa mentalidade latina, de nosso meridionalismo, exagerado pelo clima tropical.

Incontestavelmente, a figura de João Pessôa apparecia no cenario da politica nacional, em um forte relêvo, mas o joven estadista parahybano não tinha outra attitude a tomar.

A sua brilhante administração, a transformação de metodos politicos e administrativos que imprimiu no governo de sua terra, fatalmente o obrigavam a abraçar a causa da Aliança Liberal, que era a sua, já demonstrada em atos varios.

O contrario seria o suicidio politico.

O egoismo estreito, o partidarismo exagerado, o papel faccioso do catêtismo, porém, veio justificar aquella denominação, nascida num momento de exaltação partidaria, de forma que, hoje, todos os olhares estão fixos na Parahiba gloriosa, como outrôra, na Grande Guerra, estavam voltados para a Belgica immortal.

Na campanha eleitoral os que mais sofrêram as investidas do inimigo foram S. Paulo democratico, o grande partido fundado por Antonio Prado, e a Parahiba livre, mas agora, na campanha assecutoria da Vitoria, é a Parahyba, a terra de Eпитacio, que está a suportar, sozinha, o primeiro embate do adversario que, num esforço desesperado, sentindo a derrota, vendo a gravidade do momento que atravessamos, procura aniquilar o centro de resistencia do liberalismo no norte!

Os capangas de José Pereira estão armados de metralhadoras. O Presidente da Republica, descendo de sua alta cadeira de primeiro magistrado da Nação, empunha o cacête de cabo

eleitoral da roça, e telegrafa aos governadores, apadrinhando a fraude, como que para incital-os, animal-os na pratica de violencias e prevaricações.

Mas a Nação não aceita as atas falsas como eleição. O que temos de apurar é a eleição livre, são os votos depositados nas urnas com as formalidades legais. O sr. Presidente da Republica não tem competencia para decidir quaes são as eleições verdadeiras.

Podem fornecer armas aos capangas de José Pereira; podem aliciar os jagunços de Joazeiro e mais os de Lampeão, a Parahiba resistirá. A indignação dos brasileiros, contra o cesarismo caricato, ainda mais aumentará; a oligarquia impudente, ainda mais cairá no desprezo publico, e a sêde de Liberdade, a fome de Justiça, o desejo de reforma, que está no coração de todos os brasileiros, tomando proporções nunca vistas, irão levar aos arraiaes liberaes o entusiasmo suficiente para a victoria da causa da Democracia.

Quando o militarismo prussiano invadiu a Belgica, foi que o mundo inteiro decretou a condemnação dos imperios centraes da Europa. E a Alemanha, a mais poderosa organização militar e politica que já houve no mundo, teve de assinar, para não ver seu exercito glorioso prisioneiro e seu sólo invadido pelos aliados vencedôres, o mais humilhante armistício de que reza a Historia, escrito pela ponta da espada do Generalissimo Foch.

O caso da Parahiba é o começo do fim . . .

Si a oligarquia insistir em seus propositos tresloucados, si o cesarismo impudente continuar a afrontar a opinião publica e a vilipendiar a Republica com as atas falsas e a compressão da vontade da Nação, quem sabe se a espada gloriosa de Carlos Prestes não virá escrever o documento em que os nossos adversarios reconheçam os direitos do povo e o triunfo das eleições verdadeiras sobre as atas falsas ?

Oxalá que o sr. Presidente da Republica e todos os brasileiros com responsabilidades nos destinos da Patria tenham a noção exacta da gravidade do momento que atravessamos e, deixando de lado os caprichos, ás vaidades e as ambições, procurem uma solução patriótica para esse caso delicadissimo, afim de evitarmos o desgraçado desfecho da guerra civil, pela qual são responsaveis exclusivamente os que têm violado a Constituição e deformado a Republica !

## *Um Aspecto da Campanha*

A imponente campanha cívica, cuja primeira parte terminou a 28 de fevereiro e a segunda começou a 1.º de março, é, certamente, a mais bela a que temos assistido no Brasil, a mais grandiosa que já viu a America latina e uma das mais notáveis de todo o Novo-Mundo!

A propria patria de Washington, Lincoln e Jefferson, bem poucas vezes terá assistido a um movimento cívico como este que se opera no Brasil!

Certamente, o primeiro impulso apreciavel foi dado pelo grande Rui, na sua campanha jornalística, pela «A Imprensa» e depois na campanha civilista.

Mas, assim como o lavrador, em certas regiões do planêta lança as sementes á terra, depois coberta pela neve do inverno, só vindo as mesmas a germinarem com a volta da primavera, assim tambem, entre nós, as sementes da democracia e da regeneração da Republica, lançadas pelo Grande Mestre, foram cobertas pela neve do tempo, só vindo a germinar agora com a bela estação, a primavera da Republica, primavera gloriosa que antecede o outomno em que o povo brasileiro irá colher os doirados frutos da Liberdade e Justiça!

Mas, que esplendida germinação!

— Que magnifica floração?!

Antonio Prado, o discipulo de Pedro II, nonagenario, na beira do tumulo, com pulso firme, desfralda, em S. Paulo, a terra dos Bandeirantes, o estandarte rubro-verde da Democracia e, unido aos legionarios de Assis Brasil, funda o Partido Democratico. A Caravana Democratica, chefiada pelo impoluto republicano gaúcho, começa a pregação da bôa-nova, conclamando o povo para o prelio magnifico.

Antonio Carlos, em cujas veias corre o sangue dos An-

dradas, inspirando-se nas tradições e glórias avoengas, toma a frente do povo mineiro e repele o cesarismo do Catête; Borges de Medeiros, o velho e impoluto estadista do Rio Grande, num desprendimento que honra a qualquer grande homem publico, regeita a candidatura que lhe é oferecida e apresenta Getulio Vargas, o joven republicano, que poderia reunir, em torno de seu nome, todos os gaúchos.

Epitacio aconselha a Minas que o candidato deve ser do Rio-Grande e os aliados oferecem a vice-presidencia a João Pessôa, o honesto administrador da Parahiba invicta, que chefia, no norte, o movimento libertador, enquanto os sabujos, outrôra de Epitacio e Bernardes, continuam acorados e tremulos em frente do retardatario do Catête.

Então, estende-se por todo o paiz, a propaganda da regeneração. Do Amazonas ao Rio-Grande surgem os tribunos que, com a palavra falada ou escrita, descrevem o lodaçal em que estavam mergulhados e pintam a aurora vermelha prenunciadora da libertação. Seria encher o jornal, citar nomes dos apóstolos.

Luzardo, João Neves, Raul Bittencourt, Padre Penna, João Barrêto, Agripino, Nazaret, Moraes Corrêa, Abel Chermont, Schneider, Marrey Junior, Durval, entre centenas de outros, são nomes que ficarão na Historia Patria, como apóstolos da grande causa e que se revelaram ao paiz, neste momento.

Porem o serviço mais importante que eles prestaram foi o de solidificar a unidade nacional. Nunca o Brasil esteve tão uno como atualmente. O Rio-Grande nunca foi tão brasileiro como dagora em diante. Esses tribunos que visitam todo o paiz, pregando, dizendo, propalando a grandeza futura da Pátria, aclamados pelo povo de todo o Brasil, voltam ás suas provincias, com o espirito de brasilidade robustecido, e irão incutir na alma de sua gente os mesmos sentimentos. Demais, as noticias telegraficas e epistolares que percorrem todo o paiz, dando informações dos discursos, das festas, das recepções, dos banquetes, dos assassinios, das chacinas, das eleições, das fraudes, tudo isso constitue uma argamassa indestrutivel da unidade nacional, definitiva.

Esse é um dos aspectos mais belos da campanha democratico-liberal, é como que a capela artistica do templo magnifico que estamos contruindo.

## A Velha Rameira

A conhecida Messalina, cujas pustulas moraes Rui Barbosa queimou, com o cauterio da indignação de patriota, traduzida em periodos eloquentes e formosos, a fraude eleitoral, ainda desta vez ostentou, em 1º de março, toda a sua impudicia, toda o seu cinismo, com a cara engelhada, pintada de vermelho e tapioca, adornos de pechisbeques, vestido barato e rôto de sêda falsificada, comprada nalgum belchior e movimentos desordenados de histerica aniquilada, enraivecida pela recordação das passadas cenas do lupanar, com as contorsões lúbricas da luxuria e da bestialidade !

E' que era dia de Carnaval e a desgraçada bem percebia que, apesar de seu disfarce, por mais esforços que fizesse para aparentar mocidade, só compaixão merecia daqueles que lhe viam atravez dos rasgões do vestido, a amarelidão da pele de tuberculosa, quando esboçava um sorriso, a bôca com os dentes cariados pela sífilis e pelos bafios azedos do alcool, quando fingia carinho no olhar, para atrair os incautos, a luz amortecida pela decrepitude impotente !

Era dia de Carnaval !

— Não reparaste, velha prostituta, a expressão da gargalhada de Momo ?

— Não era a alegria sadia, o jubilo intenso que ella traduzia, mas o desprezo e a compaixão por aqueles que fizeram de tuas fraldas indecentes a bandeira, em torno da qual se reuniram para tentar roubar, á nação oprimida, a sua soberania, contrariar a sua vontade na escolha de seu chefe legal, em contraposição á nossa bandeira, que é o lenço vermelho, simbolo da dignidade e da honra !

Momo tambem mofava da tua imbecilidade e da delles, que não percebiam que o teu ultimo triunfo, assim como o

deles, era todo aparente. Essa exhibição de atas falsas e de telegrammas mentirosos, só servirá para alimentar a fogueira em que serás queimada, em execução da sentença irrecorrivel do tribunal do Santo-Officio da consciencia nacional !

O Brasil não ha de ser riscado do mapa das nações, para teu gaudio, e dos brasileiros degenerados, que te servem ! E a continuação de tua existencia importa no aniquilamento da Patria.

Foi o teu ventre amaldiçoado, ó Messalina ignobil, que gerou esse bando de politicos infames que, pela advocacia administrativa e pela gorgêta dos empréstimos, levou o paiz á ruina financeira e hipotecaram o sólo patrio ao estrangeiro, lançando na pobreza e na miseria, a maior parte do povo do Brasil !

Foi no teu cortejo sinistro que muitas almas fracas se entibiaram, muitos caracteres vacilantes se deixaram arrastar para a lagôa putrida da degradação moral, donde não é permitido mais sahir quem nela uma vez penetrou !

Eu sei, ó cortezã nefasta, que nelle tomam parte muitos brasileiros dignos, que não roubam, que não assassinam, não prostituem directamente a Justiça, mas se deixam arrastar pela timidez, pela pobreza, pela descrença, pela esperança de melhor oportunidade, por certos compromissos, por mal compreendido principio de gratidão; mas, foram, justamente, desse genero as almas que o Dante encontrou no vestibulo do Inferno e a quem o florentino divino estigmatizou para sempre no verso dolorosamente triste que poz na boca do Mestre:

*Non ragionian di lor, ma guarda e passa !*

Esses, porém, não gosam a ventura de terem no coração a chamma sagrada, que inspira ao talento a concepção de tropos e perigos que vão causar a admiração da multidão e aterrorisar os Tartufos no antro de seu poderio aparente, formado pela covardia e servilismo de muitos, o acaso e a velhacaria criminosa de alguns !

E só a chamma sagrada da fé pode conduzir, impelir o homem ao caminho da Vitoria... !

A tua influencia pernicioso ó barregã despresivel, chegou ao extremo de violar a pureza reconhecida da sociedade brasileira, fazendo proliferar entre nós essa especie de infelizes que tudo barganham até o corpo das mulheres e das filhas, em troca de dinheiro e posições officiaes, de onde melhor assaltam o tesouro e roubam o dinheiro do povo, e num arremêdo da

Roma pagã corrompida surgirem as figuras repelentes dos Ganymedes !

Os que sacrificam no teu altar escapam a penna do jornalista e a voz do tribuno, nos comícios da Liberdade. Elles estão sob a proteção da Criminologia e da Psiquiatria no estudo da familia humana dos criminosos e dos degenerados, entregues aos cuidados e carinhos do homem de ciencia, no silencio de seu gabinete e na atenção calma e constante em seu laboratorio.

Homem de fé, homem de coração, homem de brio, ó misera prostituta, não tens nenhum entre os teus arautos.

Estes, tu os alicia entre os degenerados e os cobardes !





## O Exercito e a Nação

Nabuco disse uma vez que a missão principal do exercito brasileiro foi sempre a grande missão civico-libertadora. O grande pensador esqueceu-se, no momento em que traçava o seu formoso artigo, para o «Jornal do Brasil», de que, no exterior, a função do nosso glorioso exercito, foi tambem e sempre a libertadora, do contrario, certamente, teria retirado o adjectivo — civico.

E' verdade que tambem no Prata, *embora* libertando povos irmãos das tiranias de Oribe, Rosas e Lopes, elle estava representando a civilização brasileira, e portanto, exercia uma função civica. O competente Professor da «Escola do Estado-Maior e Aperfeiçoamento de Officiaes», Capitão Genserico de Vasconcellos, em seu belo livro «Historia Militar do Brasil», obra de um técnico de alta capacidade e de um patriota severo, de elevado descortinio, deixa perceber ser desta opinião. Mas a realidade é que o adjectivo empregado por Nabuco o foi na accepção restricta, e, portanto, devêra ser suprimido ficando tão somente o *libertadôra* que traduz a verdade historica, para honra nossa e gloria dos filhos do Duque de Caxias.

Creado aos embates da Revolução, por ocasião da Independencia, o exercito brasileiro, com Pedro I, Barbacena, Lecôr e Labatut a guial-o, foi embalado no berço ao som dos himnos da Liberdade, e tanto assim é que, em 7 de abril, quando o seu proprio chefe, o heroe do Ypiranga, quiz ferir a Liberdade, e estabelecer a autocracia, elle esteve no campo da Aclamação, ao lado do povo revoltado, e obrigou o Imperador perjuro a abandonar o trono.

Não era uma questão de partidarismo, tanto assim que manteve o Imperio com uma criança de 5 annos, para felicidade da Patria e da Democracia.

Ainda em 1840, quando o paiz, de norte a sul, andava agitado e a Regencia abalada em seu prestigio moral, esgotada em sua energia, se mostrava incapaz de resolver o problema nacional de então, o exercito se manteve ao lado da minoria parlamentar que representava a maioria da nação e auxiliou, prestigiou o golpe de Estado de Maioridade que salvou a unida-de da Patria, com a Liberdade e a Democracia.

Esmagando, com a espada gloriosa e humanitaria de Caxias, a anarquia em Maranhão, Minas, S. Paulo e Rio Grande, o exercito ainda esteve ao lado da nação, que desejava a ordem e o Imperio uno, como condição para o seu progresso e para a civilização !

No Uruguay e na Argentina, assim como no Paraguay, com Marques de Souza, com Caxias, com Osorio, com Porto Alegre, com Polydoro, com Pelotas, com Falcão, com Tiburcio, em Paisandú, em Montividéo, em Caseros, em Uruguayana, em Tuyuty, em Humaytá, em Itororó, em Campo Grande, em Peribebuy, em Lomas-Valentinas, contra Oribe, contra Rosas, contra Solano Lopes, elle sempre esteve com a nação e com a Liberdade, ao lado dos oprimidos contra os tirannos.

Na campanha abolicionista, quando a nação inteira, ao lado de Nabuco, Rui, Patrocínio, Serra, Marianno, Saldanha Marinho, era pela abolição e a oligarquia conservadora resistente, emperrava o carro da aspiração humanitaria, o exercito, com Deodoro e Pelotas á frente, ainda esteve ao lado da nação recusando-se a ir prender os escravos paulistas e mineiros que haviam abandonado as fazendas e se homisiado na serra do Cubatão.

Na proclamação da Republica elle assumiu a responsabilidade da transformação do regimen em nome da nação, para salvar a liberdade politica com a instituição da Federação e eleição do chefe do Estado pelo povo. Apesar da grandeza e patriotismo de Pedro II, apesar da gloria da dinastia brasileira, a Nação queria se incorporar á America, em que o povo é que escolhe e elege o chefe do Estado, e a descentralisação politica e administrativa, nos grandes paizes, é tida como um dogma !

A oligarquia violou esses dois principios, unicos que justificam a deposição de Pedro II, e, agora, como a nação em campanha memoravel quer ver realizada a sua aspiração, patrocina-da outróra por Deodoro e Benjamin Constant, em 15 de novembro, não será que o exercito a abandone e se transformem os seus soldados, em janisaros do cesarismo caricato !

Quando Napoleão, fugindo da ilha d'Elba, saltou no golfo

de S. João e penetrou em França, através de montanhas, apenas com 1200 soldados, tinha contra si quasi todo o exercito e todas as nações da Europa.

A primeira força que teve de enfrentar foi perto de Grenoble.

A' voz de fôgo, do comandante inimigo, Napoleão ordena aos seus que mantenham as carabinas de bôca para o sólo e adiantando-se dos seus soldados, aproxima-se dos de Luiz XVIII, fita-os, abre com a mão esquerda o sobretudo cinzento e com a direita apontando para o coração exclama: Soldados aqui está o vosso Imperador. Si tendes coragem, atirae sobre o coração!

Os soldados tremeram, as carabinas caíram, e elles tirando as barretinas e atirando-as ao ar, gritaram a um tempo:

—Viva o Imperador!!!

E dahi, seguiu Napoleão vitorioso, em passo de carga até as Tulherias, donde fugira Luiz XVIII.

A historia se repete muitas vezes.

Luiz Carlos Prestes é um heróe, é um idolo da Nação. O exercito é a nação fardada!

Prestes é filho deste exercito glorioso que teve por chefes Caxias, Osório, Pelotas, Deodoro e outros bravos patriotas.

Quem sabe?

E' bem provavel que quando o grande exilado de Buenos-Aires, se apresentar no Rio Grande, de espada em punho, á frente das reliquias da columna legendaria, seus irmãos de classe em logar de apontar-lhe as armas, coloquem a bandeira auri-verde, ao lado do lenço encarnado, e gritem:

Viva o General da Libertação!

Então, como outróra, as aguias de Napoleão, voaram de campanario em campanario, até as torres de Notre Dame, o sagrado pavilhão da Patria e o lenço encarnado, serão conduzidos de fazenda em fazenda, de vila em vila, de cidade em cidade, pelo exercito e pelo povo, até o zimborio do Palacio Tiradentes, onde tremularão anunciando a vitoria da Nação, com a posse de Getulio Vargas e João Pessôa.



## *Os Factores Psicologicos*

Desde Platão e Aristoteles que a Psychologia tem tido cultôres, entre o que a Humanidade tem produzido, de mais elevado, em intelligencia e conhecimento.

Mas os resultados da Psychologia, as suas leis pouco adiantavam, mesmo entre os psicologos da escola classica.

Só modernamente, no seculo XX, foi que filosofos europeus, dentre os quaes, parece-me ser Gustavo Le Bon, o mais eminente, estabeleceram, deduziram, algumas leis positivas da ciencia delicada e sutil, leis cujo conhecimento é necessario, ao estadista, ao filosofo, ao general, ao apostolo, ao jornalista, ao juiz, ao propagandista de idéas, ao proprio industrial.

Foi só, modernamente, que ficaram explicados importantes fatos da Historia, estando verificados que pela lei do contagio mental os factôres psicologicos agem sobre o individuo no meio da multidão, transformando-o completamente.

E' assim que se tem visto um individuo cobarde e egoista, quando isolado, transformar-se em um heróe e altruista no meio da multidão, chegando mesmo ao sacrificio da propria vida. Tambem se tem visto o contrario.

Filipe Egalité, o principe republicano, o heróe sahio de seu palacio para votar na Convenção Francêsa pela innocencia de Luis XVI e no entanto votou pela morte do primo, um innocente. Ao chegar em casa dizia aos filhos, entre soluços: Não sei como fiz isto, cometi uma infamia, sou o mais infeliz dos homens!

Luis Filipe, como todo o mundo, desconhecia, então, a lei do contagio mental!

Fôra o contagio mental da Montanha Sanguinaria na Convenção, que transformára sua alma honesta!

Pela lei do contagio, o propagandista de idéas faz as

multidões destruir em cetos, ditaduras, instituições caducas que se supõem poderosas !

No Maranhão tenho assistido muitas cobardias, muitas quedas moraes, que eu comprehendo, perfeitamente, serem causadas pela lei do contagio . . .

Nas grandes batalhas militares, como nas grandes batalhas civicas, são os factôres psicologicos que decidem a vitoria.

Na incomparavel campanha civica a que assistimos, nós os aliancistas, jogamos com os factôres poderosissimos que fatalmente nos darão o triumpho.

Nós possuímos a crença, a opinião e o conhecimento, armas que faltam aos nossos adversarios, armas decisivas para o triumpho de qualquer causa.

«A crença é um ato de fé que faz admitir em bloco e sem discussão, uma assersão ou uma doutrina». Ella se propaga principalmente por suggestão e contagio e quando se torna colectiva adquire uma força irresistivel, afirma Le Bon.

O conhecimento, procede unicamente, da observação e da experiencia.

As opiniões podem ter uma origem racional, mas ellas geralmente não são mais do que crenças em formação.

O conhecimento deriva da intelligencia, a crença e a opinião do coração. O conhecimento se transmite pela logica, pelo estudo, a crença e a opinião, pelo contagio mental.

Quando o homem possui o conhecimento e o coração, com a eloquencia, eis o tribuno, eis o apostolo, que vai com sua palavra escrita ou falada, transmitir ás multidões, a crença, a fé, pela lei do contagio mental. O tribuno deve, no seu apostolado, usar de armas diferentes e apropriadas ao estado mental das varias classes sociaes; mas duas são necessarias a todas ellas, a afirmação e a repetição dos principios e idéas a transmitir.

Ora, os idéaes democraticos constituem, hoje, uma verdadeira crença nas populações brasileiras, em muitos com laivos de misticismo. Só os energumenos poderão negal-o, só a paixão egoistica dos oligarquistas poderá contestal-o.

Essa crença, porem, deriva do conhecimento de homens como Rui Barbosa, Lauro Sodré, Assis Brasil que ha mais de 20 annos pregam a necessidade da reforma da Constituição e de nossos costumes politicos, mostrando os erros dos politicos dominantes e a consequencia funesta da permanencia desses erros. Traasmitidos por elles e centenares de brasileiros essas idéas, transformaram-se em opinião e agora em fé viva que fatalmente ha de triumphar.

E' de observar, porém, que muitas vezes não só nos feno-

menos politicos como nos religiosos, homens os mais eminentes, teem o conhecimento, mas a fé lhes vem das multidões ou de causas momentaneas, e, então, esses homens se transformam em guias gloriosos das idéas que combatiam ou a que eram indifferentes.

S. Paulo, o maior dos apóstolos do Cristianismo, foi seu fervente adversario; Thiers, o grande Thiers, fundador da gloriosa Republica franceza, era antes o monarquista principal dos orleanistas, o verdadeiro implantador dessa dinastia no trono francez! A Historia está cheia desses exemplos.

Pedro I, o glorioso fundador do Imperio do Brasil, era filho de D. João VI e herdeiro do trono de Portugal e Brasil!

Eu encheria toda a A PATRIA citando exemplos...

Os nossos adversarios, por maldade ou ignorancia, andam a atribuir aos srs. Antonio Carlos, Getulio Vargas e Eptacio Pessôa, sentimentos egoistas, na determinação de suas atitudes.

Elles não querem encherger — no gesto do sr. Antonio Carlos a ambição gloriosa de imitar os seus antepassados, pondo-se á frente do movimento regenerador que trará a grandeza da Patria!

Elles não querem ver na attitude do sr. Eptacio Pessôa, a altivez do Leão, sacudindo a juba, rugindo indignado pela afronta feita á Parahyba invicta...

Elles não querem perceber, na serenidade olimpica do sr. Getulio Vargas, todo seu orgulho de gaúcho por assistir a cavalleiresca e emocionante attitude de seus adversarios locais, os Libertadores, defendendo sua candidatura, por estarem convencidos de que ela representa a honra do Rio Grande e a salvação do Brasil.

E' que os conservadores desconhecem a influencia dos factores psicologicos, na decisão dos grandes problemas politicos...

E essa ignorancia lhes será fatal.





## *Aliança Liberal*

Os partidarios da candidatura Julio Prestes, por calculo, e alguns aliancistas por inexperiencia querem fazer crer que a Aliança Liberal, é um partido politico.

Não o é, e nunca foi, quer por sua finalidade, quer por seus metodos, quer por sua formação.

O proprio nome o está indicando — *aliança* de partidos, para um determinado fim, realiado o qual desaparece a aliança, ficando os partidos, que a compõem, com o seu programma, e formando-se outros de acordo com a transformação dos costumes politicos.

As declarações dos srs. Assis Brasil e Antonio Carlos são positivas nesse sentido, e a prova é que no Rio Grande os dois grandes partidos trabalham pela causa, obedecendo ao acordo, com lealdade, sinceridade e energia, ambos agindo em nome da Aliança Liberal, pelo fato unico da candidatura Getulio Vargas—João Pessôa, ser da Aliança Liberal! A plataforma Getulio Vargas é que constitue o compromisso de honra entre os partidos, compromissos que o grande brasileiro cumprirá á risca.

Demais, além dos partidos, a Aliança compõe-se de varias agremiações, que não são partidarias e que, somente para o efeito da campanha presidencial, das candidaturas Getulio—Pessoa, fazem parte da poderosa associação de partidos.

Após a propaganda, porém, diante das aclamações delirantes aos candidatos aliancistas, em Rio, S. Paulo, Rio Grande, Minas, Pernambuco e Parahiba, em vista dos aplausos expressivos de todas as classes sociaes aos caravaneiros que são os apóstolos do crêdo democratico de que as candidaturas Getulio Vargas e João Pessôa são o simbolo, nós, os politicos aliancistas, nos consideramos uma simples vanguarda da nação em marcha,

para a conquista de seus direitos usurpados pelo sr. Washington Luiz e os 16 governadores que o acompanham nessa mistificação republicana, na imposição do sr. Julio Prestes, como Presidente, contra a vontade do povo brasileiro !

Eu, digo e afirmo, contra a vontade da nação inteira, convencido de que os meus proprios adversarios sinceros, sabem perfeitamente que os 16 governadores que se movem ao aceno do sr. Washington Luiz, nada representam, estão divorciados da opinião, são odiados, detestados pelo povo, mesmo aquelles que por conveniencias, por certos deveres de solidariedade, compromissos, mêdo ou subserviencia os acompanham !

Entre elles rarissimos são os homens de prestigio, inclusive no nosso Maranhão, tão aviltado, tão empobrecido, tão arruinado ! A quasi totalidade do povo está com os alliancistas.

Não quero dizer com isso que eu, o sr. Tarquinio, o sr. Marcelino Machado, o sr. Adolfo Soares, o sr. Teixeira Junior, o sr. Rodrigo Otavio, e o sr. Araujo Costa, que somos os homens publicos da Aliança, aqui, com passado, e responsabilidades perante a nação, sejamos os unicos homens de prestigio no Maranhão, com direito de falar em nome de nosso Estado !

Não, eu faltaria ao respeito a mim mesmo e perderia o direito ao respeito de meus adversarios e do publico si tal afirmasse !

Do lado de meus adversarios, entre muitos, o sr. Cunha Machado, pelo seu longo tirocinio, principalmente os seus serviços intellectuaes na organização do Estado, o sr. G. Vianna, o sr. João Vieira, o sr. Lisbôa Filho, o sr. Clodomir Cardoso, o sr. Raul Machado, o sr. Agripino Azevêdo, o sr. Genesis Rêgo, o sr. Costa Fernandes, todos tem direito como nós, uns mais e outros menos, de falar em nome do Estado, de aspirar posições, de emitir opinião, com autoridade, nos negocios publicos de nossa terra.

Prestigio, desgraçadamente nenhum de nós o tem, nem o tem ninguem em qualquer parte no Brasil, devido a decadencia dos costumes politicos, a contrafação do regimen, a corrupção da Justiça, a prepotencia dos governadores e o servilismo reinante.

Prestigio fugaz, o tem somente o governador, quando apoiado, outrora, por Pinheiro Machado, a oligarquia mineira ou paulista, e, atualmente, pelo Ditador ou Delfim; e algum deputado ou senador, quando pretendiam derribar o governador, e tinham a proteção do Presidente ou de alguma das oligarquias poderosas.

Esta é a verdade verdadeira que nem todos os políticos têm a sinceridade de confessar.

O exemplo de Luiz Domingues e José Euzebio, não permite uma contestação ao que afirmo.

O prestígio que desfrutamos, nós os aliancistas, é proveniente de um lado, do desprestígio dos chefes governistas, desmoralizados perante a opinião, como responsáveis, por esse disvirtuamento da Republica, corrupção dos costumes politicos, desfibramento moral reinante, decadencia do Estado, emfim, e por outro lado, pela esperança na regeneração da Republica, pela simpatia que se estabelece entre os oprimidos e seus defensores, pelas ideias generosas que defendemos, pela esperança na victoria do sr. Getulio Vargas ou no triunfo da Revolução.

E essa vitoria será fatal !

A Nação não pôde suportar mais tanta miseria, tanto servilismo, tão intensa violação da Lei, tanta falta de Justiça e e tão grande falseamento do regimen.

A Aliança é a nação oprimida, o Presidente com os 16 governadôres são os usurpadores de seus direitos, os trahidores de seus juramentos. A nação não pôde e não será vencida.



## *Ave, Pernambuco !*

Pernambuco levanta a coma. Os telegrammas que chegam da terra de Frei Caneca, deixam ver claramente a intensidade do entusiasmo que domina a alma pernambucana, neste momento de serias apreensões para todos os que amam o Brasil.

Os caravaneiros gaúchos e mineiros, ao saltarem nas formosas praias ensombradas pelos coqueiros, da Veneza Americana, que a lira de Gonçalves Dias cantou, por entre os aplausos delirantes do povo, que, outróra, Nabuco e José Mariano guiaram com o verbo eloquente para as conquistas da Liberdade,—hão de ter ouvido um rugido estranho...

E' o rugido do Leão do Norte que, já ouvindo as notas vibrantes dos clarins da cavalaria gaúcha, faz um esforço supremo para quebrar a cadeia que o traz preso ao tronco da escravidão oligárquica...!

Terra de heroes e de martires da Liberdade, Pernambuco não podia fazer papel secundario no grande prelio civico em que nos empenhamos.

Berço da nacionalidade, trecho sagrado do territorio da Patria, em que primeiro se firmou a consciencia da existencia de um povo na America, Pernambuco bem compreendeu que, no momento atual, o que está em jogo não é uma simples questão de candidaturas, mas a sorte da Republica, o futuro do Brasil.

Silveira Martins disse uma vez a Vianna Vaz que o pernambucano era o gaúcho do norte, e o gaúcho era o pernambucano do sul. Há um fundo de verdade nessa asserção do glorioso tribuno rio-grandense, e o modo porque o povo de Recife, ha dois annos, recebeu Assis Brasil e, agora, recebe Batista Luzardo e Neves da Fontoura, apóstolos da Democracia,

demonstra claramente que a alma dos Farropilhas é irmã ge-  
mea da alma dos heróes dos Guararapes...

Bem inspirados foram os diretores do grande movimento  
cívico, na organização da caravana que desembarcou na velha  
Mauricéa.

Padre Penna, o eloquente tribuno mineiro, bem sabia que  
o clero brasileiro, em toda a nossa historia, sempre esteve ao  
lado da Liberdade e, no momento actual, não estaria completa  
uma Caravana Liberal, para visitar a terra de Frei Caneca, o  
martir da Republica, se della não fizesse parte um sacerdote,  
um dicipulo de Christo, o maior de todos os martires da Liber-  
dade e da Justiça...

Baptista Luzardo, o intrepido deputado democratico, que,  
na eloquencia de seus discursos e na serenidade de sua ação  
parlamentar, tem mostrado a mesma bravura que desenvolveu  
nos campos de batalha do Rio Grande, e Neves da Fontoura,  
o joven tribuno republicano que em tão pouco tempo se fez  
conhecido no Brasil inteiro, eram os dignos emissarios que a  
terra de Silveira Martins devia mandar ao torrão glorioso de  
Nunes Machado.

Neste momento, os caravaneiros aliancistas se espalham nas  
varzeas formosas, por onde passaram outróra os bravos compa-  
nheiros de Fernandes Vieira e Henrique Dias, empunhando o es-  
tandarte de Pernambuco livre do dominio estrangeiro, e, então,  
com a palavra ungida pelo mais são patriotismo, inspirada no  
mais puro ideal, eles farão despertar na alma das gerações  
atuaes, aqueles nobres sentimentos que fizeram o Pernambuco  
de antanho escrever talvez a mais bela pagina da historia patria.

Sob o Imperio, o povo do Recife arrancou das mãos de  
um ministro um diploma de deputado para entregá-lo a Joa-  
quim Nabuco, o apostolo da liberdade dos negros.

Não é de extranhar que no regimen republicano, os de-  
cendentes desse mesmo povo, arranquem das mãos do sr.  
Estacio Coimbra, o constante servidor de todos os governos, o  
documento triste por meio do qual o sóba do Beberibe hipot-  
tecou a honra de Pernambuco á candidatura do Catête.

Não! Pernambuco está comnosco! A oligarquia começa a es-  
boraoar-se. Os 40 mil pernambucanos que foram receber e aplau-  
dir a caravana aliancista, que desembarcou em suas praias, é que  
representam Pernambuco, o Pernambuco livre, o Pernambuco  
glorioso, o Pernambuco que não se vende, o Pernambuco que não  
se aluga a nenhum tiranno, o Pernambuco que não esquece o  
seu passado, que não deshonra a memoria de seus heroes!

Salve, Pernambuco!

## *Diante da Revolução*

A nossa vaidade, de braços dados á nossa ignorancia, empresta-nos qualidades e valôres que não possuímos, influencias que não temos, nos fatos sociaes.

A satira cruel do autor do «Cyrano de Berjerac» não é somente uma fantasia de poeta.

Todos nós somos, mais ou menos, como os galos de Apolo. Estamos convencidos de que o sól se ergue no horizonte em consequencia do nosso canto...

Mas, em nenhum fenomeno social, essa ilusão, esse erro se manifesta tão escandalosamente como nas revoluções. Ahi é que a pequenez da intelligencia humana e a grandeza de nossa vaidade se ostentam de um modo que causaria pasmo ao psicologo, se alguma coisa pudesse perturbar a impassibilidade do homem de ciencia.

E' ahi que nós vemos conservadôres, no desespero de causa, conduzindo a lenha para a fogueira, ingenuamente convencidos de que levam á mão o balde dagua, e revolucionarios, de olhos injetados, bôca espumante, a esvasiarem o sacco de areia sobre o braseiro, na suposição de que despejam o odre de azeite !

A revolução brasileira só não é vista pelos santomés, os seus bramidos não são percebidos tão somente pelos surdos e pelos que os não querem ouvir...

Nenhum homem de responsabilidade pode desejar para sua Patria a desgraça da guerra civil, como meio de satisfazer suas ambições egoisticas; mas quando a revolução se apresenta como solução unica, consequencia fatal de uma série de erros acumulados, macaréo revolto a cuja impetuosidade ninguem pode resistir, é dever de todos os patriotas, de todas as facções, de todos os homens de consciencia, empregar todos os seus es-



forços, procurar dominar os sentimentos subalternos, concentrar toda a intelligencia, expandir as nobres faculdades do altruismo, reunir todas as energias com um fim unico:—suavisar os effeitos do choque e evitar a calamidade decorrente de uma luta fratricida !

Foi o sr. Washington Luiz, com o seu telegramma indiscreto, depois de tantos erros, quem chegou o fôgo ao estopim; foi a insensatez da oligarquia em armar jagunços para perturbarem a Parahiba invicta, quem lançou o petroleo á fogueira, afrontando a Nação.

Os jornaes governistas ou influenciados pelo governo, querendo incutir no animo do publico, com os seus telegrammas, que os srs. Artur Bernardes e Borges de Medeiros estão separados da Aliança e apoiam as fraudes immoraes de 1º de março, ainda mais incutiram no povo a certeza da revolução.

Eu não falo como politico, mas como brasileiro; eu não me exprimo como diretor do Partido Democratico, mas na qualidade de maranhense.

E' dever de todo homem de consciencia e responsabilidades neste momento, defendendo seu ponto de vista no cumprimento de seus deveres, agir com o criterio que está a exigir a delicadeza da occasião, dominado tão somente pelos sentimentos altruisticos, sopitando os interesses e odios pessoas e evitando as palavras e atos imprudentes, assim como varrer a pretensão estulta de empolgar, dominar a situação, em cumprimento a seus intuitos absorventes, erroneamente influenciados pelos exemplos de um passado triste que está a expirar.

O Maranhão, eu o afirmo, não se deixará mais escravisar por ninguem !

Ainda ha pouco, jornaes officiosos, noticiando uma festa catêtica, publicaram palavras pronunciadas, no banquête, por venerando chefe governista, palavras essas indiscretas e que não representam os sentimentos intimos do illustre maranhense, mas somente um mal compreendido dever partidario.

Melhor fôra que o illustre senador Cunha Machado, a cuja intelligencia e competencia juridica o Maranhão republicano deve tanto, tivesse ficado calado.

.....  
O joven administrador dr. Pires Sexto, que oculta, na aparente preocupação de elegancia, na indumentaria, muita perspicacia e muita finura, é, incontestavelmente, um liberal por temperamento e tradição de familia.

Espirito intelligente, S. excia., quer nas palestras intimas, quer em publico, revela conhecer não só os problemas mara-

nhenses, como muitos aspectos dos problemas brasileiros e em muitos de seus atos, como presidente, já tem demonstrado a preocupação de provar ao publico os seus sentimentos republicanos e democraticos, como que a repelir a herança funesta da oligarquia.

Infelizmente, a fatalidade dos acontecimentos e da politica nessa mal compreendida solidariedade partidaria prendem S. excia., impedem-n'o de praticar certos atos necessarios ao bem publico e á moralidade do regimen republicano.

Parece-me, porem, que um dos caminhos que S. excia. vae trilhando, propriamente na politica maranhense, atiladamente, prevendo o pampeiro e procurando evital-o, contornal-o, ou diminuindo os seus efeitos, está errádo. S. excia. está se deixando guiar por apparencias falazes... O Brasil atravessa atualmente o momento mais delicado de sua evolução.

E' um momento decisivo em sua historia. Não ha força capaz de paralisar o movimento regenerador e reivindicador das liberdades republicanas. O papel do Maranhão é muito modesto no grande prelio nacional, mas o que não resta duvida é que o Maranhão vae entrar no regimen democratico e será muito ingenuo quem supuzer que poderá alguém aproveitar-se da transformação para impor a sua vontade.

O movimento é nacional; os politicos não são mais do que instrumentos da vontade do Brasil a quem têm de obedecer, sob pena de serem esmagados.

E senão... esperemos.



## *Reforma ou revolução*

Em tempos normaes, durante o Imperio, num Congresso liberal que se reuniu na Côrte e a cuja frente se achava um jurista e estadista notavel, Nabuco de Araujo, diante da indiferença dos conservadores, senhores do podêr, por medidas que julgavam necessarias ao progresso do paiz, os liberaes não trepidaram em estabelecer como programma, o dilemma : Reforma ou Revolução !

Não é de extranhar que eu, agora, em plena Republica, diante de uma Constituição diariamente violada, subordine estas linhas a um titulo, cujas palavras são as mesmas do programma de um partido constitucional da Monarquia, e que, então, não melindraram a autoridade do grande bisneto de Maria Teresa !

E, nessa occasião, se o Imperador era Pedro II, o chefe do governo, o primeiro ministro era Caxias, o genio do bom senso, a espada gloriosa que brilhava com o esplendor de dezenas de batalhas.

Neste momento, porém, eu não arranco o dilemma celebre de nossa historia politica ao acaso, mas, sim, o meu espirito se volta para o passado numa comparação, diante das palavras que meus olhos de patriota e meus ouvidos de homem publico vêem escritas em todos os semblantes e ouvem ciciadas por todos os labios:

--Reforma ou Revolução !

Quando o governo da Republica destaca seus jornalistas, alugados com o dinheiro da nação, para ouvirem um chefe politico adversario e adulterar suas palavras e seu pensamento, e, depois, telegrafa e anuncia a seus sequazes que esse politico abandonou covardemente os companheiros e aceitou seu ponto de vista, o que os homens desse Governo têm escrito no intimo da consciencia é o dilemma:

—Reforma ou Revolução !

O empregado publico que não recebe seus vencimentos e assiste a pobreza no lar; o soldado que se vê enganado na sua etapa, para a extorsão enriquecer o superior; o contribuinte que paga o imposto e vê o suor de seu rosto desbaratado pelos que dominam; os que emprestaram o dinheiro ao Tesouro e não recebem os juros de suas apolices; os enfermos e necessitados da Santa Casa, que sabem estar passando privações porque roubaram as verbas que o povo deu para matar a fome e a dôr dos pobres enfermos;—de todos esses eu ouço o grito desesperador:

—Reforma ou revolução !

O operario que vê os filhos famintos porque as fabricas fecharam com a crise, e o industrial que assiste suas industrias decadentes pela ineptia dos planos economicos; o commerciante que vive em dificuldades pelos planos financeiros dos que dominam, e o consumidor assoberbado pela carestia dos generos; o agricultor que contempla seu trabalho inutilizado pela falta de transporte e exagero de impostos, e o criador, sua produção sacrificada pelas dificuldades opostas pelas autoridades protetoras dos abatores; o proprietario que sabe não ter garantia para seu patrimonio, e o homem de bem que reconhece não haver Justiça para seus direitos;—todos trazem no coração as palavras:

—Reforma ou Revolução.

O ancião que teme ver seus decendentes trilharem o caminho da indignidade, e o mancêbo que aspira uma vida honrada; a matrona que pensa no futuro da sua prole e na abastança de seu lar; e a virgem que sonha o dia do noivado, sempre adiado pelas dificuldades aparecidas ao pretendente, para uma garantia solida ao futuro do novo lar; o pai que se indigna de representar papeis ridiculos junto aos individuos desclassificados que dominam, e o filho revoltado por assistir obrigarem o pai a humilhações deprimentes;—estes tambem murmuram os seus labios o dilemma:

—Reforma ou Revolução.

O official brioso e digno, que tem orgulho de pertencer a uma classe, cujos chefes foram Caxias, Osorio, Deodoro, Tamandaré, Inhauma, Saldanha e Custodio, que nunca se humilharam, e assiste, agora, ás promoções por meio de empenhos deprimentes; os generaes que não querem ver seus bordados denegridos em papeis tristes; e até o mar, o velho mar fremente,—ou beije os granitos das serras do sul, ou languorosamente se espraie nas alvas areias do nordeste, enfrente a força co-

lossal do Amazonas, ou, em ondas encapeladas, banhe as dunas do Rio Grande do Sul—o mar também, saudoso dos tempos em que lhe navegava o dorso a primeira esquadra da America do Sul, cujos navios traziam nos mastaréos as fitas de almirantes como Tamandaré, Vandenkolf, Saldanha e Custodio, o mar, sentindo que os torpedeiros estão estragados, os cruzadores imprestaveis, e os couraçados, inutilizados,—o mar também, revoltado e indignado, na sua linguagem melancolica, do Cabo Norte ao Chuy, com aqueles, está a dizer:

REFORMA OU REVOLUÇÃO !



## *Escravos e algozes*

O que distingue a civilização moderna da anterior, é a liberdade de crenças religiosa, filosofica, scientifica e politica. Não essa liberdade inscrita na lei, que muita vez não é cumprida, mas a decorrente dos costumes, dos habitos de cada um respeitar as convicções de outrem, sem que a diversidade de crenças afete as relações sociaes ou o conceito que cada um faria do outro se tivesse as mesmas idéas.

Quem conhecer a Historia da Civilização e, numa vista retrospectiva ligeira, representar na imaginação os crimes, as atrocidades, as infamias, commetidos, outr'ora, em nome da religião, da crença, da ciencia, da liberdade, do Estado, e, de repente, contemplar os costumes atuais na Europa, na America e nalguns paizes de Africa, Asia e Oceania, ficará transido de horror diante do passado, e convencido, se fôr um sociologo, de que a crise que, atualmente, atravessa o Ocidente, tão lamentada pelos pessimistas, não é mais que um esforço gigantesco feito pela Humanidade em prol da Justiça e da Liberdade, para diminuir a dôr, para atenuar o sofrimento do Homem...

E' verdade que, ás vezes, acontecimentos modernos, parecem desmentir essa minha opinião, como, por exemplo, os factos succedidos em Portugal após a proclamação da republica, principalmente as perseguições inauditas feitas aos padres, freiras, irmãs de caridade, perseguições que só terminaram com o apêlo feito ao sr. Teofilo Braga, pelo Apostolado Positivista do Rio de Janeiro.

Mas essa observação é superficial, pois, em quasi toda revolução, os sentimentos do homem despertam, sendo necessario o drastico violento da ditadura, para matá-los e fazer nascer os sentimentos elevados e generosos.

O Brasil, onde existe a liberdade religiosa, em grande



parte devido ao espirito liberal de nosso clero, e a scientifica influenciada pela propaganda positivista, o Brasil de ha muito que experimenta os efeitos maleficos da falta de garantias aos direitos civis e politicos de seus filhos, amplamente estabelecidos em nossas leis.

E' que foi annullado o Poder Judiciario e extintas foram as eleições, unica fonte da autoridade legal em um regimen republicano ou democratico.

Esses males se avolumam, presentemente, a proposito do pleito para a escolha do futuro Presidente da Republica, devido ao espirito autocratico do actual chefe da Nação, imprudentemente despotico, e ás justas aspirações democraticas do paiz, habilmente guiadas por chefes inteligentes e prestigiosos.

Só os cegos não vêem a delicadeza do momento que atravessamos. Só as inteligencias mediocres não percebem a gravidade de uma situação em que a extrema esquerda prega a revolução como solução unica, e a extrema direita, representada pelo governo, imprudente e inepta, deslisa pelo plano inclinado da violação da Constituição e demais leis, comprime a liberdade, corrompe os caractéres, comprando adesões, ameaçando os adversarios e, ingenuamente, impelindo o centro representado pelos democraticos e liberaes apoiados, incontestavelmente, pela maioria da Nação, aos extremos da revolução.

Uma prova frisante desse desvario é a ostensiva opressão aos empregados publicos, a quem mandam assinar declarações de apoio á candidatura do sr. Julio Prestes, sabendo que muitos deles são partidarios da chapa da Aliança Liberal, e isso depois do Presidente da Republica ter demitido, criminosamente, varios funcionarios e removido outros.

E' o crê ou morre, do Grão-Turco.

O funcionario publico tem um contrato com o Estado— presta-lhe serviços em troca de um pagamento que são os seus vencimentos. Sua consciencia é livre, seus direitos não sofrem, com isso, a menor restrição. Desde que o ameaçam, com a demissão, afim de votar, contra sua consciencia, em quem quer que seja, violam sua liberdade, escravizam-no. Este seu direito só poderá ser-lhe denegado pelos mãos, pelos inconcientes. Ele é pobre, tem lar, tem mulher, tem filhos; se lhe tirarem os ordenados, tiram-lhe o pão aos filhos, commetem um crime, mais do que isso, praticam uma covardia !

E' a instituição, ás claras, da escravidão politica, talvez mais pernicioso do que a escravidão negra, extinta, mas que, felizmente, não póde ter vida duradoura.

Será, talvez, a visita da saúde á oligarquia moribunda.

Eu, porém, sinto, com as vitimas, o ultrage da tirannia e experimento a dôr que elas padecem.

Mas, perguntae aos encarregados de papeis tão tristes:— Vós não tendes lar, não tendes filhos?

Não gosaes, ao entrar no lar, a doçura dos sorrisos de vossos filhos e a suavidade do olhar de vossas filhinhas alegres, felizes?

E' como não desejaes para vossos colegas, os vossos subordinados, os vossos semelhantes, a mesma felicidade?

Eles tambem amam os sorrisos dos filhos e as ternuras do olhar das filhas estremecidas.

E, no lar sem pão, não ha sorrisos nem ternuras de olhares mas lagrimas e tristezas.

Sois algozes, não só de vossos concidadãos, mas de... crianças!

E' sabido que, antes de 13 de maio, os senhores escolhiam para feitores, nas fazendas, um escravo de confiança e era o escravo o mais barbaro dos feitores. A Historia nos ensina que, no Oriente, sob o dominio mussulmano, do Grão-Turco, os mais terriveis instrumentos do tiranno eram os cristãos renegados. Estes eram os mais perversos opressores dos cristãos prisioneiros escravizados.

Sois instrumentos da tirannia, sois algozes de vossos irmãos e, portanto, renegados da fé republicana.

Vejo, nos vossos olhos, boiarem lagrimas?!

Acalmae-vos, pois não vos desprezo, nem vos odeio. Amo-vos porque sois tambem infelizes, e mais infelizes, talvez, do que as vossas vitimas.

Só é feliz quem é livre.

E para que sejamos livres, é preciso que sejamos justos.

... d  
ra a

## João Pessôa

E'  
para

O Homem se agita e a Humanidade o conduz. Bem poucos pensamentos de filosofos, traduzindo idéa oposta á opinião vulgar, encerram uma verdade tão profunda como essa do grande mestre do Positivismo.

Até depois de mortos os grandes homens, a humanidade continúa a trabalhar na formação da sua individualidade.

Camões, Cervantes, Dante quanto não estão diferentes do que o foram outróra !

E durante a vida, o homem não é mais do que uma resultante das obras dos outros, muitas vezes dos proprios rivaes, dos inimigos, dos adversarios, em combinação com as suas qualidades.

Na vida publica assistimos, diariamente este fenomeno:

Um homem, possuindo um certo numero de qualidades organicas, em certo momento, destaca-se, porque os outros se acobardam. Depois é elevado pelos erros dos inimigos, dos rivaes e dos proprios amigos desleaes que, inconscientemente, fornecem os materiaes com que os contemporaneos tambem inconscientemente constróem o pedestal, sobre o qual a multição entusiastica o contempla.

Todo o segrêdo do triunfo está na sinceridade de sua fé e na coincidencia dessa fé com o inconsciente da maioria dos contemporaneos. Possuindo esses elementos e tendo a bôa estrêla, não há infamia de inimigo, não há inveja ou traição de amigo, não há hipocrisia de companheiros que consigam barrar-lhe o caminho. Pelo contrario; sendo a inveja a maior homenagem que se pode prestar ao invejado, sendo a infamia a arma

dos cobardes, sendo a hipocrisia, nos momentos de luta, uma arma nefasta aos que dela usam, só servirão para realçar, aumentar a figura do homem de fé, no inconsciente das multidões. E, quando elles supõem ferir, com as pedras que ás escancaras ou ás escondidas, lançam no homem de fé, não fazem mais do que fornecer os elementos com que, pouco a pouco, insensivelmente, a opinião publica, por um processo oposto ao das edificações do mundo material, vae soerguendo o pedestal que o vai elevando ainda mais no conceito geral.

E' o caso de João Pessôa, com a circumstancia de ter elle sobre os hombros o peso formidavel da grandeza do tio, o sr. Epitacio Pessôa.

Para os mediocres ou os nulos, que são da especie daqueles peixes de que nos fala Vieira, que vivem da seiva dos outros maiores, a que se apegam, um grande pai, um grande tio, ou um grande sôgro é um elemento de vitoria na Vida; mas esses nunca passarão da mediocridade, são os parasitas desprezíveis, que teem um brilho aparente nas epochas de decomposição moral justamente como o brilho do fogo-fatuo resultante da podridão das decomposições organicas.

Restabelecida a normalidade, voltando a sociedade a viver, a regular-se pelas normas do Direito e da Justiça, sob a égide da Moral, muitos dos parasitas teem de morrer, abandonar as posições a que foram guindados pelos meios inconfessaveis.

Outros a quem a degenerescencia açulou a tendencia á infamia e ao crime, no exercicio das funções que indevidamente exerceram, praticando desde o roubo dos dinheiros publicos até a venalidade dos cargos e o preenchimento dos mesmos pelos companheiros de freguesia do Codigo Penal, esses, quando o carcere não os abriga, numa justa expiação a tantos males praticados e num salutar exemplo para evitar a reprodução de outros crimes, esses terão na vindicta popular e na fuga a punição das ousadas violações da Lei e dos principios de Moral!

No Brasil não é pequeno o numero dos que endeosados, banqueteados, festejados num anno, no outro teem de fugir da terra em que praticaram os «grandes» feitos e muitos com escarros nas faces e protegidos pela compaixão de suas vitimas!

Os homens de brio e que teem uma personalidade como João Pessôa, a grandesa do tio era um peso enorme que tinha de carregar e portanto longe de ser uma causa de successo na vida publica, era um impecilho.

Epitacio é, incontestavelmente, um dos maiores estadistas do Brasil e, atualmente, é o maior.

E' muito raro uma familia possuir dois Epitacios.

No momento, só me lembro dos Andradas, Rio Brancos, Nabucos, Ouro Preto e Affonso Celso.

João Pessôa tinha, portanto, a grande personalidade do tio e mestre, que o povo brasileiro contemplava, em confronto com a sua, no tablado da vida publica. E' uma causa de insuccesso muitas vezes.

Elle, porém, desde o principio de sua administração, mostrou-se um homem e um homem de fé!

Quando a luta pela regeneração republicana se generalizou, enquanto os sóbas do norte se acocoravam tremulos, elle ficou de pé. Um homem de cócoras sempre provoca risadas e um homem erecto impõe respeito. Ai do homem publico que provoca risadas da multidão!

O primeiro triumpho de João Pessôa, portanto, a projecção de sua figura na politica nacional, foi devido a cobardia de seus colegas, muitos dos quaes, nos tempos da presidencia Epitacio, eram insubmissos servidores do illustre estadista!

Repelindo a imposição do Catête, enquanto outros de Estados mais poderosos a ella se submetiam, João Pessôa chamou a atenção do Brasil inteiro para a sua personalidade. Era o principio da ascenção. Como ele tem continuado a subir é o que veremos amanhã.



## João Pessôa

### II

O Sr. João Pessôa, ao assumir o governo da Parahiba, fez o que não praticou ainda nenhum governador do Norte. Estabeleceu a liberdade eleitoral, tendo sido eleitos varios conselheiros municipaes da opposição em grande numero de municipios. O chefe governista de um município do interior, candidato a Prefeito, tendo falsificado atas, sem querer reconhecer a vitorja de um adversario, ficou desmoralizado, com o reconhecimento do rival e a demissão das autoridades prevaricadoras. Estabeleceu a moralidade em todos os ramos da administração, punindo e censurando os erros das autoridades relapsas. Acabou com o sistema das reeleições perpetuas, renovando parte das chapas com correligionarios de serviços. Empregou metodos honestos e inteligentes na percepção das rendas e na applicação das mesmas, de forma que Parahiba nada deve e possui saldos nos estabelecimentos bancarios, além de ter auxiliado a criação de um Banco, para desenvolver as forças produtoras do Estado.

Além de tudo isso, em sua mensagem expõe idéas regeneradoras e afirma o seu proposito de proseguir nesse caminho, honesto e patriótico. Além dos fatos serem verdadeiros, porque pessoas honestas, imparciaes m'a teem afirmado, eu vejo no modo porque o Presidente da Parahiba externa os sentimentos e propositos elevados, que são sinceros, o que, aliás, é corroborado, não só pelo testemunho de innumeradas pessoas extranhas á politica e ao Estado, que por lá passaram, mas tambem pelos fatos posteriores.

Quando appareceu a questão da sucessão presidencial, já em



todo o Norte, o nome do sr. João Pessôa era citado com admiração e esperanças.

E' que elle adotava metodos que todos nós julgamos necessarios para a melhoria da situação deprimente em que vivemos e mostrava ser um espirito em que predominam os nobres ideaes de Justiça.

Mas todos esses atos praticados por elle, são do dever elementar de qualquer homem digno e honesto, e só o notabilisaram porque o Brasil chegou a esse ponto de degradação moral, em que um homem publico, quando não prevarica, já é uma notabilidade !

Para dar-lhe a gloria, porem, isso não era o bastante. Foi preciso que amigos, covardemente, o abandonassem, por ter elle influido para a renovação de parte da representação parahibana, e se fossem alliar ao adversario; foi preciso que os inimigos poderosos, feridos na vaidade e dominados pela inveja a Epitacio Pessôa, baixassem ás mais insensatas violações da moral politica, para que João Pessôa vibrasse de energia, confundindo sua alma com a do povo que intrepidamente dirige, a principio, e em seguida, consubstanciando a alma de todo o Norte escravizado, em aneio de libertação, de todos nós recebendo o apoio e os aplausos, escrevesse essa pagina brilhante da historia patria, e de nossa raça que é a resistencia da Parahiba heroica, á intervenção absurda e immoral do inconsciente que se senta na cadeira de Prudente de Moraes e Campos Salles !

E essa resistencia é tão heroica e tão empolgante, e a causa da Parahiba é tão justa e tão dominadora, que mesmo alguns transfugas da Aliança Liberal, dominados pela beleza da attitude do estadista parahibano, tiveram de retroceder e condemnar a immoralissima politicalha do Catête que já não é mais um só covarde ataque á autonomia do pequeno Estado do Norte, já não representa sómente o produto da inveja á personalidade superior de Epitacio Pessôa, mas constitue uma verdadeira afronta á nação inteira, aos seus brios de povo civilizado, que se sente humilhado perante o estrangeiro, por ver que a cadeira do primeiro magistrado é occupada por um homem de tão pronunciado instinto de egoismo e de tão mesquinhos sentimentos de nobreza !

E, emquando desce a concha da balança em que repousa o chefe da Nação, sobe a que abriga o Presidente da pequena Parahiba, pequena pela extensão geografica e pela população, mas, grande pela energia de seu povo, grande pela probidade e bravura de seu presidente, grande pela idéa que a sua resistencia simbolisa, que é a libertação do paiz do dominio dos po-

líticos profissionaes, a reintegração do povo nas liberdades que lhe foram usurpadas e a restituição, ao Brasil, do bom nome de que elle, por tanto tempo gosou, como paiz em que predominava a liberdade, e imperava a Justiça com a probidade de seus homens de governo e a moralidade dos costumes de suas gentes.



## *O', como elle era grande !*

Ainda depois de morto, Siqueira Campos, o sr. Washington Luiz o teme !

«O', COMO ELLE ERA GRANDE !»

O governo do Brasil commeteu a covardia de solicitar do Uruguai, a ocultação do cadaver do heróe brasileiro, afim de que os amigos não o transportassem para a terra da Patria. A quanto pôde chegar a ineptia de um governo ! E' que este tem a convicção de estar condemnado pela opinião publica do Brasil inteiro, que admira o heróe de Copacabana, o bravo da vanguarda da columna legendaria.

Quando a chancelaria do Brasil esteve occupada pelo Barão do Rio Branco, o governo do Uruguai teve oportunidade de receber notas diplomaticas que encheram de alegria o seu povo, de orgulho o brasileiro e de admiração, todos os povos cultos !

Agora que, na poltrona do Itamarati senta-se um cabotino pardusco, ao serviço não da Patria, mas da vaidade doentia e da alma pequenina do sr. Luis Pereira, a republica irmã, recebe notas que degradam a quem as manda e avilta a quem as recebe, e não protesta. Mas o povo do Uruguai, certamente, não aprovará a miseria de seu governo e, com admiração e respeito, guardará os despojos do intrepido general revolucionario até que o povo brasileiro, libertado, possa recebê-lo, triunfalmente.

«O', COMO ELLE ERA GRANDE !»

E a frase que me sahiu do bico da penna é historica. São as palavras de Henrique III, ao contemplar o cadaver do Duque de Guise, estendido junto ao leito real, morto a punhaladas pelos seus sicarios quando atravessava a camara para o gabinete, confiante, pelo convite que lhe fizera, seu inimigo, o rei de França !

O fato inspirou ao pincel de Paulo Delaroché, talvez o mais belo de seus quadros. As combinações de cores, e jogo de luz, a disposição das figuras, tudo é feito pelo genial artista para destacar a figura da grande victima da innominavel traição, estendida junto ao imponente leito real, com a cabeça um tanto suspensa pela cortina de damasco e o braço esquerdo distendido em angulo recto com o corpo, num isolamento impressionante.

Distante, o grupo de assassinos, ainda com os punhaes desembainhados, em colloquio com o rei que aparece na porta a contemplar o cadaver do inimigo, com uma expressão de curiosidade satisfeita.

Sente-se, percebe-se, na expressão do rosto real, a frase historica:

«O', COMO ELLE ERA GRANDE !»

Os dois factos nada teem de semelhantes, a não ser a bravura e grandeza dos mortos, reconhecida pelos proprios que com ella lucraram aparentemente.

Em França a grandeza do inimigo é reconhecida pelo seu covarde matador, Henrique III, mas no Brasil, si Luis XV de Macahé, é absolutamente extranho ao desgraçado incidente, méro produto do acaso, confessa, indirectamente, a grandesa do inimigo, se empenhando com o governo estrangeiro para occultar-lhe o cadaver, temendo as consequencias de sua chegada triumphal ao Rio.

A lei não permite prender cadáveres ! Mas o governo desta republica caricata, sempre fementida e hipocrita, humilha-se a solicitar de um governo extranho, a detenção dos restos de Siqueira Campos !

E' que está na consciencia o sentimento expresso na frase que se acha nos labios de todos os brasileiros:

«O', COMO ELLE ERA GRANDE !»

Mas o cadaver de nada vale. Morto o homem, os seus despojos deixam de fazer parte da sua individualidade. Só a ignorancia aliada ás tradições religiosas e historicas, atravez de milenios é que nos dão a ilusão de supôr que o cadaver tem alguma coisa com o individuo.

Sejamos animistas ou materialistas, despreendida a alma, ou paralisado o movimento atomico, a materia já nada tem com o individuo. E' o carbono, o azoto e outros elementos a integrar-se no universo. O individuo fica, mas é nas vibrações dos outros seres, nos outros cerebros, nos outros corações que as suas vibrações atomicas provocaram !

Inconscientemente isto reconhece o governo epicurista.

Mas iludem-se, si tiveram satisfação com a perda do heróe. O Brasil, hoje, possui dezenas e dezenas de Siqueira Campos.

Em todos os lares brasileiros o seu nome será pronunciado com admiração e respeito, ainda mais aumentados com o ato insensato de nosso governo, cuja covardia e tôrpe vingança, ainda mais realçaram a grandêsa do bravo compatriota.

Do Rio Grande ao Amazonas, de Pernambuco ao Acre, em todos os lares, onde viverem brasileiros e homens justos e vibrarem corações nobres, ao saberem da imbecilidade dos oligarquistas impenitentes, ha de ser pronunciada a frase:

«O', COMO ELLE ERA GRANDE !»



## *O Martir da Democracia*

Os dias transcorridos após o assassinio da Confeitaria Gloria, já nos permitem abordar com serenidade o acontecimento trágico, procurar-lhe a causa, desenhar-lhe os contornos, deduzir-lhe as consequências, deixando que por si se ostente a figura do grande martir da Democracia, cujo nome é pronunciado, hoje, em todo o lar brasileiro que não estiver poluído pela degradação moral que avilta a administração publica e enodôa a politica dominante no paiz, já desde muitos annos.

A historia do Brasil não registra um só caso de assassinio de homem publico, que tivesse o efeito de abalar a nação inteira, fazer convergirem a simpathia e a admiração de todos para a victima e, ao mesmo tempo o desprezo e a condemnação para os responsaveis pelo crime, semelhante a este da covarde eliminação de que João Dantas foi executor.

Temos o assassinato de José Maria, em Pernambuco, por Ottoni Magno, este, cunhado do então governador Barbosa Lima; o do Caronel Gentil de Castro, monarquista, no Rio, por Manoel Miranda e outros; o de Pinheiro Machado, por Mancio de Paiva o do Marechal Bittencourt, com a tentativa sobre o grande Prudente de Moraes, nos principios da Republica, por um soldado suggestionado por Deocleciano Martyr, em conluio com politicos de destaque; mas em nenhum desses casos gravissimos, os brasileiros experimentaram o abalo que sentiram em 26 de Julho com o tombar do gigante da Parahiba, pelas balas traiçoeiras de um correligionario do sr. Washington Luis Pereira de Sousa.

E' que João Pessôa não era tão somente o administrador, inteligente e probo, energico e leal, nesta época em que a ascenção aos postos cabe aos nulos, deshonestos, cobardes e hipocritas, mas ele representava, incarnava em seu posto a Lei,



como expressão da vontade da Nação e traduzia em seus arre-  
messos, as justas aspirações do povo brasileiro para a regene-  
ração da Republica, com a destruição da oligarquia nefasta que  
nos empobreceu, aviltou e oprime a todos os homens livres.

Antes da campanha liberal pela sucessão presidencial, já  
a figura do estadista parahibano se desenhava em nossos hori-  
zontes politicos com uma vida e relevo que não possuia nenhum  
dos administradores de Estados.

Magistrado federal, ministro do Supremo Tribunal Militar,  
aceitara a eleição para o pequenino Estado e, logo nos primeiros  
actos, demonstrou que fôra um verdadeiro juiz ao serviço da  
Justiça, pois começou a regularisar a administração publica, de  
accordo com os principios democraticos, imprimindo-lhe morali-  
dade desconhecida ali e nos demais Estados do Brasil. Fez res-  
peitar a liberdade eleitoral, nas primeiras eleições que se reali-  
zaram, entrando para os cargos os opositoristas que foram  
eleitos, não por conchavos immoraes, mas por efeito da vontade  
de popular, manifestada nas urnas livres.

Sem crear novos impostos, aumentou a arrecadação das  
rendas publicas, pagando as dividas passivas e iniciando obras  
reprodutivas. Regeitou dois ou tres empréstimos que lhe ofe-  
receram banqueiros estrangeiros, e, com saldos nos bancos, crea-  
ção de um banco para auxilio á lavoura da Parahiba, construção  
de edificios para escolas, aquisição de material escolar, cons-  
trução de estradas carroçaveis verdadeiras, pagamentos aos fun-  
cionarios em atrazo, demissão de alguns funcionarios prevari-  
cadores, punição dos crimes e sinceridade nas palavras e pro-  
messas, demonstradas com os actos, adquiriu o respeito e a ad-  
miração dos seus conterraneos, admiração que transpoz os limi-  
tes do Estado, estendendo-se a todo o Norte.

Quando surgiu a questão da sucessão presidencial em que  
o presidente da Republica, contrariando nossas leis e o espirito  
de nossa constituição, arrogou-se o direito de indicar o seu su-  
cessor, aproveitando-se da cobardia de 16 sobas estadoaes, para  
usurpar os direitos do povo brasileiro, de escolher o seu pri-  
meiro magistrado, João Pessôa, colocou-se ao lado dos espiritos  
livres, na repulsa ao arbitrio e á tirania hipocrita. Escolhido  
candidato a vice-presidente, manteve a liberdade eleitoral e ne-  
nhuma violencia foi feita aos seus adversarios, muitos dos quaes  
foram protegidos de seu tio, o sr. Epitacio Pessôa, quando pre-  
sidente da Republica, e que se haviam passado para o inimigo  
poderoso na momento da luta.

O Brasil assistiu, então, a essa ignominia:

O chefe da Nação, de conluio com criminosos para des-

truir um governo honesto e moralisador, levou sua inconciencia ao ponto de impor aos ennuços da Camara e do Senado da Republica, a expulsão dos representantes do povo parahibano, amigos do grande e honesto presidente e o reconhecimento dos transfugas companheiros dos cangaceiros de José Pereira !

Foi, então, que o povo brasileiro contemplou atonito, cheio de admiração, orgulho e confiança, o desdobrar das energias do titan. Protestando contra o esbulho dos representantes do seu povo com elle identificado, o estadista parahibano, manteve-se firme e energico, incumbindo a correligionarios representantes de outros Estados a defesa dos interessses de sua querida Parahiba.

O governo federal, continuando a serie de actos protetores aos cangaceiros de Princeza e de hostilidade ao governo honesto do pequenino Estado, prohibiu por todos os meios que João Pessoa adquirisse munição para repelir os criminosos emquanto fornecia a estes armas e munições fabricadas em nossos Arsenaes de Guerra.

Está demonstrado que João Dantas, junto com alguns soldados do Exercito, era um dos espiões, nas praias da Parahiba, afim de impedir o desembarque de munições para o governo legal. Mas João Pessoa continuou a resistir apezar de tudo, mesmo depois que alguns companheiros da Aliança Liberal, covardemente o abandonaram.

A gloriosa figura, empolgando a Nação inteira, era um perigo para os cangaceiros e os seus correligionarios de todo jaez.

Mataram-n'ô.

Mas se enganaram !

Hoje, não ha um brasileiro de pundonor que não seja revoltado ou revolucionario; e o sangue do grande concidadão tão miseravelmente derramado, longe de arrefecer o espirito de regeneração que empolga todo o Brasil, mais o anima, mais o robustece, porque todos nós vemos que a oligarchia nefasta, e impudente, já com uma das faces ferreteadas pela consciencia nacional, com o estigma de *ladra*, tem agora, a outra marcada pelo sangue rubro do heroe tombado, com o epitheto de *assassina* !

Ladra e assassina, está irremediavelmente condemnada, só faltando o momento oportuno para lhe ser aplicada a pena que está na consciencia de todo brasileiro digno. Este momento ha de chegar...



# INDICE

PAG.

Palavras de prefacio .....	3
Novos horizontes .....	7
Erros e illusões .....	11
Os Presidentes Paulistas — I .....	15
Os Presidentes Paulistas — II .....	19
Os Presidentes Paulistas — III .....	23
Rui — eis a fonte .....	27
O Seculo da Democracia .....	31
Federação pôdre .....	35
Marengo... ! .....	39
E somos nós os sanguinarios... ! .....	43
Profanadores de cadaveres .....	45
O grito derradeiro ! .....	49
O lenço vermelho .....	53
A agonia da oligarquia .....	55
A lição dos gaúchos .....	57
rios Prestes .....	61
De braços abertos .....	63
A Bélgica Brasileira .....	65
Um Aspecto da Campanha .....	67
A Velha Rameira .....	69
O Exercito e a Nação .....	73
Os Factores Psicologicos .....	77
Aliança Liberal .....	81
Ave, Pernambuco ! .....	85
Diante da Revolução .....	87
Reforma ou revolução .....	91
Escravos e algozes .....	95
João Pessôa — I .....	99
João Pessôa — II .....	103
O', como elle era grande ! .....	107
O Martir da Democracia .....	111

